

# Blumenau em cadernos

TOMO XXXIII

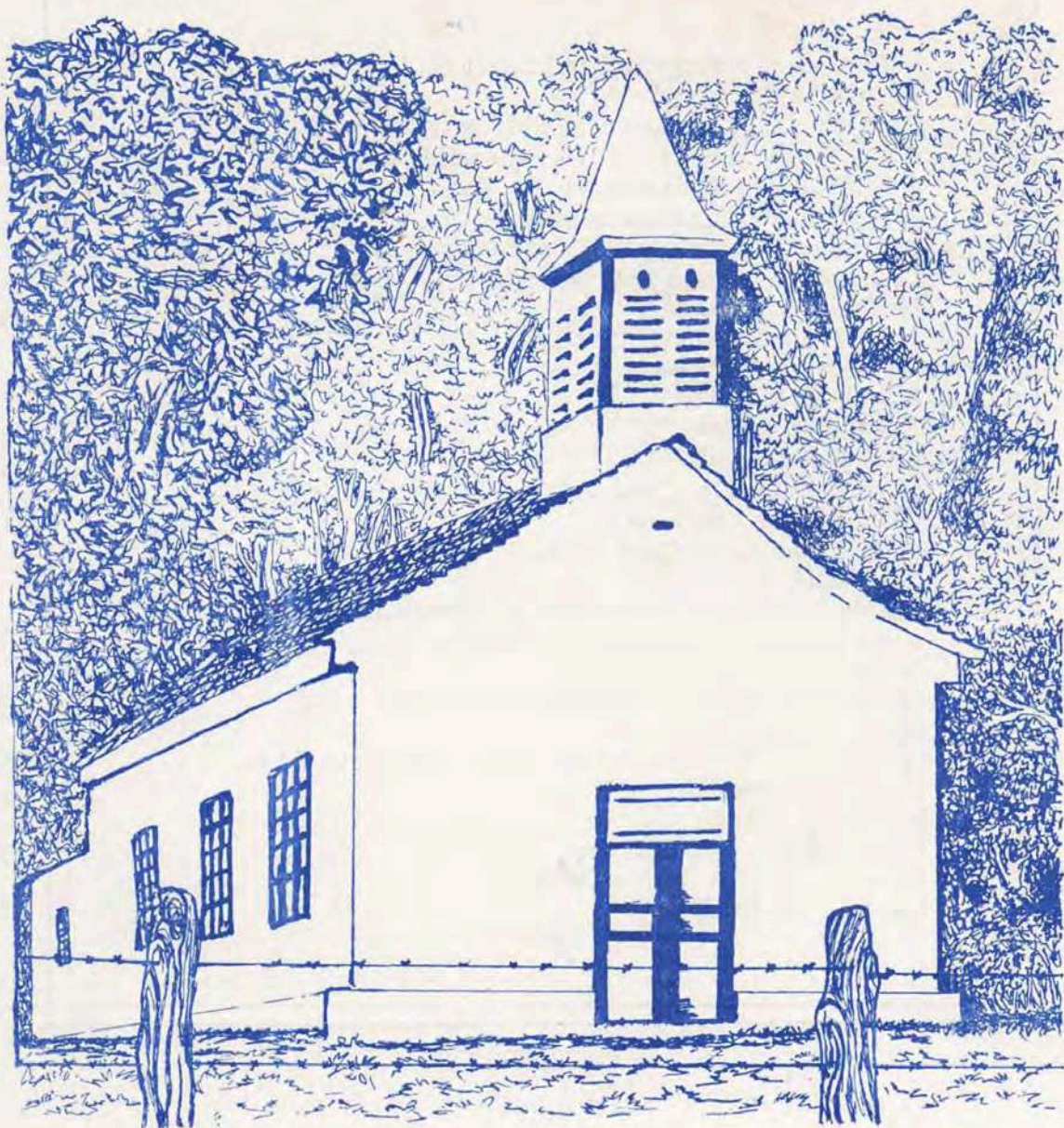
Agosto de 1992

Nº. 8

PORTE PAGO

DR/SC

ISR-58 - 603/87





## A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.  
Companhia Hering  
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos  
Casa Willy Sievert S/A. Comercial  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.  
Livraria Blumenauense S/A.  
Schrader S/A. Comércio e Representações  
Companhia Comercial Schrader  
Buschle & Lepper S/A.  
João Felix Hauer (Curitiba)  
Madeireira Odebrecht Ltda.  
Móveis Rossmark  
Arthur Fouquet  
Paul Fritz Kuehnrich  
Walter Schmidt Com. e Ind. Eletromecânica Ltda.  
Cristal Blumenau S/A.  
Moellmann Comercial S/A.  
Sul Fabril S/A.  
Herwig Shimizu Arquitetos e Associados  
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.  
Maju Indústria Textil Ltda.  
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.  
Casa Meyer.  
ONEDA — Equipamentos para Escritório Ltda.  
Casa Buerger Ltda.  
UNIMED - Blumenau  
Casa Flamingo Ltda.  
Gráfica 43 S/A Ind. e Com.  
Família Atilio Zonta

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXIII

Agosto de 1992

Nº. 8

## SUMÁRIO

Página

Pe. Jacobs - Centenário de falecimento — Pe. Antônio F. Bohn ..	234
Figura do Passado — Toni Vidal Jochem .....	236
Reminiscências - Saudosas Recordações — José Gonçalves .. .	238
A Perspectiva Histórica de Cabral em «História de Santa Catarina» Norberto Dallabrida .....	240
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	248
Ao Redor do Dr. Blumenau — Theobaldo Costa Jamundá .....	250
Subsídios Históricos — Coord. e Trad. Rosa Herkenhoff .. .	253
Blumenau em festas — Grete Medeiros .....	254
Reminiscências Históricas em Correspondência .. .	258
Perfil de um vulto admirável — Sueli Maria Vanzueta Petry .. .	260
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta .. .	263
4a. Adenda à Família Arzão — Antônio Roberto Nascimento .....	266
Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (VII) — Pe. A. F. Bohn	267
Aconteceu... — Julho de 1992 .. .	269
Faleceu Ingo Hering .. .	272

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina  
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 30.000,00

Número avulso Cr\$ 2.000,00 — Atrasado Cr\$ 3.000,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) Cr\$ 50.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa: A primitiva capela Santa Isabel — Garcia - Jordão

Desenho: Elias Boell Júnior \* Clichê: Gentileza da CLICHERIA BLUMENAU LTDA.

— 233 —



# Pe. JACOBS - CENTENÁRIO DE FALECIMENTO

Pe. Antônio Francisco Bohn

Três momentos extremamente significativos marcaram a passagem dos 100 anos de falecimento do primeiro pároco de Blumenau, o Rev.mo Pe. José Maria Jacobs, ocorrido no Hospital da Gamboa, no Rio de Janeiro em 1º. de agosto de 1892.

O primeiro, foi a exposição fotográfica retrospectiva intitulada: Pe. José Maria Jacobs, uma vida voltada à comunidade blumenauense: o religioso, educador, político e polêmico pastor das almas, aberta dia 30 de julho. Esta, foi realizada à entrada da Igreja Matriz São Paulo Apóstolo sob a coordenação do Arquivo Histórico da Fundação Casa Dr. Blumenau, na pessoa da professora e historiadora Sueli Maria Vanzuita Petry. Elaborada com 32 reproduções fotográficas, tentou proporcionar uma visão histórica desde os primórdios da história católica de Blumenau até o presente, sendo 3 relativas ao Pe. Jacobs, 14 relativas à primitiva matriz, 8 relativas à construção da atual e 7 relativas aos aspectos religiosos e pastorais.

O segundo momento, foi a missa solene que aconteceu no dia 31 de julho, às 19:30 horas na Igreja Matriz, presidida pelo Sr. Bispo Dom Gregório Warmeling e concelebrada pelos sacerdotes da região. Dessa celebração festiva participaram também representantes dos poderes executivo, legislativo e judiciário, membros das paróquias e entidades religiosas de Blumenau. O Coral Misto da Sociedade 25 de Julho, sob a regência do maestro José Acácio Santana incumbiu-se dos hinos religiosos com reverência e gratidão, expressando os sentimentos de todos quantos ali estiveram. A professora e historiadora Sueli Maria Vanzuita Petry fez um resgate histórico da vida e atuação do Pe. Jacobs, bem como sua contribuição à comunidade na qual exerceu seu trabalho durante dezesseis anos. Enfocou-o sob quatro eixos principais: Pe. Jacobs como sacerdote-pastor de almas, como educador, como político e como contestador.

No momento da apresentação das ofertas, foram trazidos alguns símbolos ao altar: uma grande foto do pároco, vestes sacerdotais, cópias de seus manuscritos e cartas, bíblia, vela e flores, expressando o reconhecimento da comunidade aos relevantes trabalhos apostólicos prestados por este sacerdote. Nos agradecimentos finais da celebração, foi citado o historiador José Ferreira da Silva, que em seu livro intitulado — O Pe. Jacobs — escrito em 1928, à p. 27 assim se expressou: «Teve defeitos o Pe. Jacobs — e haverá no mundo quem não os tenha? Mas foi também um apóstolo à altura da missão divina que exerceu. A ele deve Blumenau serviços inestimáveis, a ele católicos e protestantes, de que se compõe a grande maioria de nossa população, devem a harmonia até agora reinante, a mútua simpatia com que se olham, o mútuo auxílio com que se entregam de corpo e alma a tudo quanto é para a grandeza deste feliz recanto da terra brasileira, que o seu primeiro vigário, estará certamente, da mansão dos bem-aventurados, abençoando e sobre ele fazendo chover graças sem fim. Permita



Deus tenhamos sempre em mente esses benefícios, para que em todo o tempo louvar, honrar e querer bem à memória desse padre que foi um bom e um justo».

Após a bênção final pelos celebrantes, foi levada uma coroa de flores por todos os presentes, ao local onde estão colocados os restos mortais do referido sacerdote, em cuja lápide estão os dizeres de sua importância. Fez então uso da palavra, o atual pároco da paróquia São Paulo Apóstolo, o Rev.mo Pe. Frei Dalvino Munaretto que traduziu os agradecimentos em nome de todos e fazendo com que todos compreendessem a importância histórica do acontecimento. Ato contínuo, houve uma queima de fogos e o repicar dos sinos da torre da magestosa e imponente Igreja Matriz.

O terceiro momento foi a celebração do centenário nas oito paróquias católicas da cidade nos dias 1º. e 2 de agosto. Nesta oportunidade, os párocos escreveram uma mensagem que foi dirigida a todos os fiéis, que traduz o reconhecimento de todos ante o inolvidável trabalho realizado pelo primeiro pároco da cidade: «Blumenau, 1º. de agosto de 1992. Ao povo de Deus em Blumenau: «Guarda o teu coração acima de tudo, porque dele provém a vida» (Pr. 4,32). É com grande respeito, reconhecimento e gratidão que recordamos, hoje, o centenário de falecimento do primeiro vigário de Blumenau, o Rev.mo Pe. José Maria Jacobs. Todas as paróquias da cidade irmanam-se nesta data para esta comemoração. Este dedicado sacerdote nasceu no dia 16 de maio de 1832 em Düren, Alemanha. Como religioso, exerceu seu ministério em parte nos Estados Unidos. Vindo ao Brasil, em maio de 1876, já como padre secular, assumiu a direção espiritual dos católicos de Blumenau e foi nomeado pároco em 1878 na recém-criada Paróquia São Paulo Apóstolo. Um ano antes, já havia fundado o Colégio São Paulo para a formação intelectual dos jovens. Desde sua ordenação sacerdotal, em 23 de dezembro de 1856, Padre Jacobs sempre se distinguiu como excelente orador, versado em línguas, zeloso nas funções religiosas, espírito apostólico e defensor da Igreja. Dotado de tamanhas qualidades, exerceu em Blumenau e na região que compreendia a Paróquia, um ministério devotado e frutuoso. Como padre, teve a tarefa de organizar a criação da Paróquia, para em seguida, dedicar-se à construção da primeira matriz, capelas e oratórios nos lugares necessários. Organizou cemitérios e em suas visitas pastorais, administrou os sacramentos. Como educador, organizou a criação do Colégio São Paulo visando uma sólida formação aos jovens, preocupando-se de corpo e alma com esta obra por ele fundada. Como político, exerceu grande influência e prestígio junto às autoridades, despertando o senso de justiça e princípios, não obstante alguns dissabores. Como contestador, dotado de uma forte e austera personalidade, por vezes foi considerado exigente demais em suas colocações e procedimentos. Por isso mesmo, após dezesseis anos de apostolado, com a saúde debilitada e com o desejo de retornar à terra natal, entrega a paróquia aos franciscanos. Seu desejo, porém não se realiza, pois no Rio de Janeiro é acometido de febre amarela e morre no dia 1º. de agosto de 1892. Seus restos mortais descansam em Blumenau, à entrada da matriz de São Paulo Apóstolo. A ele, eterna gratidão.



### Professor Francisco Schaden

Francisco Schaden nasceu na cidade de Leipzig, na Alemanha, aos 19 de fevereiro de 1891. Em 1910, com 19 anos de idade, deixou sua pátria natal e veio tentar a vida no Brasil. Aqui chegando residiu por um ano na Colônia Leopoldina, no Sul do Estado de Minas Gerais. Em seguida veio para Santa Catarina, fixando residência em Anitápolis, município pertencente à região colonial serrana catarinense, onde pretendia viver como simples agricultor. Mas, a convite do Padre Augusto Schwirrling, então vigário de Teresópolis (1), se mudou para a localidade de Loeffelscheidt (2), terra natal de sua futura esposa, passando a atuar como Professor da escola local. Durante algum tempo lecionou simultaneamente nessa escola e na de Santa Isabel. Também foi Professor, embora por pouco tempo, na escola Alemã da Fazenda do Sacramento, hoje município de Águas Mornas. Em 1912 se transferiu para o Alto Capivari (3), onde existia uma escola junto à capela dedicada a São Bonifácio, onde lecionou, até que, em virtude da segunda guerra mundial, lhe foi imposta a aposentadoria, em 1938.

O Professor Francisco Schaden não contentara com a prestação à comunidade inerentes às funções específicas do magistério. Tinha participação ativa nas reuniões de culto religioso onde foi o dirigente, por muitos anos, do Coro da Igreja Paroquial. Para ele a escola não era uma simples instituição destinada apenas às crianças. Deveria integrar-se na vida comunitária em geral. Ele acreditava na Educação, no sentido mais amplo da palavra; chegou a organizar um curso noturno de alfabetização de adultos on-

de os colonos, após um dia pesado na lavoura, aprendiam o alfabeto, a ler e a escrever com suas mãos duras e calejadas, feitas a cabos de enxadas, foices e machados, empunhavam o lápis, fazendo à luz de lâmpadas de querosene seus primeiros rabiscos.

Interessava-se de modo particular pelo conhecimento da natureza e pela história das áreas de colonização alemã, principalmente sobre as antigas Colônias de Santa Isabel e Teresópolis. Escreveu várias monografias sobre povoados teuto-brasileiros, duas das quais já foram publicadas. Escreveu artigos sobre os primórdios da organização espiritual de Teresópolis e Vargem Grande (4) além de uma brochura sobre a localidade de Loeffelscheidt, bem como da de São Bonifácio. Recolheu muitos dados a respeito dos índios; chegou mesmo a organizar uma coleção de objetos arqueológicos e etnográficos. Dedicava suas horas vagas ao trabalho intelectual e tinha um gosto especial pelo estudo de idiomas, chegando, em 1914, a editar, em São Bonifácio, uma revista intitulada "Brasileo", destinada à discussão de sugestões relativas ao problema da leitura universal. Além das três línguas internacionais auxiliares (o Esperanto, o Sdo e o Volo-Pük) e do Português, é obvio, entendia perfeitamente o Francês e o Latim. Ilustre conhecedor de várias línguas indígenas escreveu uma gramática e um dicionário Tupi, um dicionário da língua dos índios Xokleng e realizou vários estudos relativos ao idioma Kaingang.

Conhecedor também da astronomia, o que estudou durante vários anos, mas preferiu o campo de estudos etnográficos e antropológicos, que o



tornou conhecido fora de nossas fronteiras. Também escreveu poesias, muitas satíricas, outras humorísticas, mas a maioria deles refletia o seu extraordinário amor à natureza. Entre suas coletâneas podemos citar uma de canções populares alemãs, já traduzidas para o português por vários autores.

Escrevia regularmente para jornais e revistas relatando ocorrências na vida das Colônias ou abordando problemas pedagógicos ou tratando de variados temas de interesse científico, entre eles podemos citar o jornal "Der Kompass" de Curitiba, onde foram publicados os primeiros artigos de sua autoria; "Die Rundschau" de Brusque. Revista "Die Kolonie-Schule" destinada aos professores das regiões coloniais. Foi coeditor e colaborador da Revista "Pindorama" que tinha como objetivo a divulgação de estudos sobre o Brasil entre leitores da língua alemã. Escreveu no jornal "O Estado de São Paulo", onde publicou trabalhos que tiveram notável repercussão.

Escreveu também para a Revista "Sociologia", para o "Boletim Bibliográfico", órgão da Biblioteca Municipal de São Paulo; para a Revista do Arquivo Municipal do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo; para a "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina" IHGSC; para a revista "Atualidades" de Florianópolis e para alguns diários da capital catarinense. Ainda hoje seus trabalhos são citados e discutidos na Europa e nos EUA.

Com toda essa vasta bagagem cultural o Professor Francisco Schaden concatenou, num milagre de síntese, a atividade infatigável e nobre desse punhado de corajosos imigrantes alemães que escolheram as terras das antigas Colônias de Santa Isabel e Teresópolis, para berço de seus filhos. No amor de esmerilhar o passado da terra catarinense, tem apresentado em inteligentes condensações de opúsculos,

dados para o conhecimento da colonização germânica em nosso meio.

O Professor Francisco Schaden acreditou em nossa gente e não mediu esforços no intuito de torná-la ainda melhor. Foi uma vida dedicada a seu povo; ele entendeu que na luta pela educação não há medalha para o segundo colocado; essa consciência o fez dedicar-se integralmente ao magistério público e particular. "Era algo fora do comum o zelo com que durante três décadas o Professor Francisco Schaden se dedicou a seus alunos e com que paciência servia de conselheiro aos colonos, que a ele recorriam com toda sorte de problemas, grandes e pequenos", diz o seu próprio filho Egon Schaden em carta datada de 15 de outubro de 1970, "não sei de nenhum caso em que, podendo ajudar deixasse de fazê-lo. A aposentadoria que, pela situação política, lhe foi imposta durante a guerra com a simples justificativa de ele "não ser brasileiro nato", recebeu-a como um golpe duro, que o arrancou do exercício de uma profissão com que se identificava de ma", conclui a citada carta.

Consciente de sua missão e responsabilidade no processo histórico de sua época, o Professor Francisco Schaden não desprezou o que é correto nos antigos, nem deixou de lado as contribuições acertadas dos modernos. Em vista do que é sobremodo salutar ele outorgou, com sóbrio espírito, a história o que à história pertence, salvando nossa cultura da completa ruína.

Qualquer pessoa de mediana perspicácia e conhecimento notará que em toda a vasta região colonial que Francisco Schaden conviveu e a estudou continua inaudível a sua mensagem e seu devotado empenho e dedicação à Educação. A referida região precisa de outros "óbulos culturais" que, a seu exemplo, dêem suas vidas pela nobre causa da formação intelectual de um



povo; de alguém que novamente acredite que a caneta é mais forte que a própria espada.

A cidade de São Bonifácio, reconhecida pelo brilhante esforço desse "lapidador de consciências", com todo seu acervo etnográfico e antropológico, fundou um museu que reconhecidamente leva o seu nome.

O beremérito Professor Francisco Schaden faleceu em São Bonifácio, com 66 anos de idade, aos 25 de dezembro de 1957. Seus restos mortais, merecidamente, repousam no monumento aos imigrantes alemães que se encontra no cemitério católico na cidade onde faleceu. Ao ilustre, encantado e admirador de nossa gente e plagas o enaltecido e justo reconhecimento de toda a região colonial serrana catarinense.

**Toni Vidal Jochem**

Estudante de Filosofia da UFSC

#### NOTAS DE RODAPE

(1) — A Colônia de Teresópolis foi fundada em 1860 por imigrantes alemães; chegou a considerável estágio de desenvolvimento tornando-se importante centro administrativo, comercial e religioso no período da imigração; devido a má fertilidade de suas terras a Colônia não pôde prosperar e entrou em decadência tornando-se, hoje, uma simples localidade do Município de

Águas Mornas.

(2) — A localidade de Loeffelscheidt era parte integrante da Colônia de Santa Isabel fundada em dezembro de 1846 por imigrantes alemães. A exemplo da de Teresópolis a Colônia de Santa Isabel também não se desenvolveu; hoje é uma pequena localidade no Município de Águas Mornas.

(3) — A localidade de Alto Capivarí era parte integrante da antiga Colônia de Teresópolis, emancipando-se politicamente recebeu o nome de São Bonifácio.

(4) — A Colônia de Vargem Grande podemos considerar como sendo um apêndice da Colônia de São Pedro de Alcântara, uma vez que foi fundada com colonos dissidentes dessa colônia em 1835. Hoje é uma pequena localidade e pertence ao Município de Águas Mornas.

#### BIBLIOGRAFIA

Francisco Schaden — in: "Revista Atualidades", outubro de 1946; Florianópolis — SC.

SCHADEN, Egon — Dados extraídos do próprio filho de Francisco Schaden em carta datada de 15 de outubro de 1970.

ESPINDOLA, Dr. Djalmas — Dados levantados em cartas, publicações, etc. Publicado no Jornal "O Regional" em março de 1991.

OUTROS...

---

## Reminiscências

### SAUDOSAS RECORDAÇÕES

(Crônica escrita para «A NAÇÃO» em 1960)

**José Gonçalves**

O BOM DIA PARA VOCÊ de hoje é para divagar e recordar. Sim, fazer desfilar algumas lembranças muito agradáveis do passado, recordando alguns aspectos de Blumenau de uns 25 anos atrás, quando o progresso já se fazia sentir, mas não de maneira tão acentuada como hoje em dia.

Naquele tempo, quando cruzavam os céus blumenauenses as



ondas da primeira emissora de Santa Catarina, a então RCB - Rádio Cultura de Blumenau, mais tarde denominada de PRC-4 - Rádio Clube de Blumenau, que por sinal, neste ano de 1960 estará comemorando seu jubileu de prata, ouvimos alguns poucos rádio-receptores, em alguns bares de cidade, propagando o sucesso daquela época, e que era, na voz inconfundível de Carmen Miranda, a marchinha «Cidade Maravilhosa».

No bar localizado no porão do então mejestoso Hotel Holetz, o cartão de visita da cidade, bar este conhecido por Bar Brahma, os habituês tomavam chopp ao cair da tarde, reunindo-se ali em grupos, alguns jogando palavrinhas, outros conversando na tradicional mesa-redonda, para comentar sobre os últimos acontecimentos nacionais, como a intentona comunista no Rio de Janeiro, a implantação do Estado Novo e, no futebol, em evidência, é claro, as notícias em torno dos velhos rivais, Recreativo Brasil Esporte Clube, hoje Palmeiras e a Sociedade Desportiva Blumenauense, hoje Grêmio Esportivo Olímpico.

Enquanto isso, o Hotel Holetz hospedava personalidades ilustres da época, em visita a Blumenau. As características arquitetônicas do hotel, constituíam orgulho para os blumenauenses. Havia, ainda, outro hotel com uma credibilidade, um conceito muito elevado, apesar de ser um estabelecimento que atendia mais as pessoas viajantes da região do Vale. Era o Hotel São José, pertencente à família Michels, e que era gerenciado pelo saudoso amigo e nosso companheiro de tantos bate-papos Antônio Reinert que, mais tarde, também dirigiu o Hotel Holetz. O Hotel São José era um ponto de parada de todos quantos visitavam Blumenau, a serviço, vindos de toda a região do Vale do Itajaí. Oferecia além de hospedagem, refeições excelentes, com o tradicional tempero caseiro e muita solicitude de seus proprietários.

Mas, lembrando hotéis, havia ainda o Hotel Cruzeiro, na Rua 15 de Novembro, o Hotel Pauli e outros que me fogem à memória.

Retornando às lembranças do futebol, lembro-me de que haviam, além do Brasil e do Blumenauense, outros clubes, como o Amazonas, o Vitoria, o Bom Retiro e outros. Mas os maiores rivais eram os hoje denominados Palmeiras e Olímpico. Mas, como disse, não só se discutia futebol neste e noutros bares, como por exemplo, no bar e café que existia no local em que mais tarde surgiu o Bar Blumenauense, ao lado de um posto de gasolina, bem perto da ponte sobre o ribeirão Garcia, e que depois, ou seja, nesta década de 1960, surgiu o prédio que abriga o Banco Real. Naquele Bar e Café, reuniam-se os boêmios da cidade, dentre eles Juca, violonista emérito, Antônio Oliveira, outro violonista, Sapo, o inconfundível mestre do banjo, Alfredo Nogueira, violonista e seresteiro-cantador e, ainda, o saudoso Carlos Müller, farmacêutico, que, nas horas de lazer, transformava-se num verdadeiro artista com sua flauta mágica. Era um flautista de grandes recursos técnicos e executava o instrumento com muita inspiração. Aliás, Carlos Müller é progenitor do locutor Carlos Braga Müller, integrante do quadro da Rádio Clube de Blumenau. O grupo de boêmios divertia a cidade. Intitulava-se «Bando da Lua» e sabia fazer serestas que prendiam a atenção de todos.



Haviam outras coisas ainda que atraíam quase que diariamente, a atenção dos blumenauenses. Uma delas era o vapor Blumenau, que sulcava as águas do Rio Itajaí, indo e vindo Blumenau-Itajaí-Blumenau, levando e trazendo muitos passageiros e transportando muita carga, além de rebocar lanchas. Por falar no vapor Blumenau, sabemos que está decidido que o velho barco sairá mesmo do incômodo ancoradouro em que se encontra, na Itoupava Seca, para voltar a ser ponto de atração de nossa cidade. Não vai mais sulcar as águas, como antes, mas sim, será colocado em lugar de destaque num ponto da prainha defronte à cidade, e lá será conservado como patrimônio histórico e ponto de atração turística.

E ainda referindo-me ao vapor Blumenau, recordando aquela época que estou aqui revivendo, lembro-me ter ouvido muitas vezes comentários de homens de idade da época, como por exemplo meus tios Hilário e Manoel Ferreira, o capitão Hacklaender, o capitão Euclides de Castro e outros, de que, durante a enchente de 1911, o vapor Blumenau estacionou defronte ao Hotel Holetz, e suas cordas foram amarradas aos coqueiros que existiam na frente do referido hotel.

Quantas outras coisas há para recordar. Mas, hoje, o que me veio à memória, foram estes rápidos retalhos. Oportunamente outras recordações surgirão. Enquanto aguardo o aparecimento das lembranças do passado, deixo aqui para todos os que me ouvem e aos meus leitores, o meu BOM DIA PARA VOCÊ!

---

## A PERSPECTIVA HISTÓRICA DE CABRAL EM "HISTÓRIA DE SANTA CATARINA"

NORBERTO DALLABRIDA

(Mestrando em História pela UFSC e  
Professor do Departamento de Estudos  
Geo-históricos da UDESC)

### INTRODUÇÃO

Há várias Histórias do Estado de Santa Catarina escritas em épocas e por historiadores diferentes. As obras são próprias de seu tempo. A História de Santa Catarina de Oswaldo Rodrigues Cabral foi escrita em 1968 sob o título de "História de Santa Catarina". Pretende-se neste trabalho, desvendar a perspectiva histórica de Cabral nesta obra, confrontando-a oportunamente com outros historiadores catarinenses.

"História de Santa Catarina" (1968) de Cabral que ora analisamos é muito similar a outra obra do autor intitulada "Santa Catarina (História e Evolução)", escrita em 1937. Para Go-

mes (1), "História de Santa Catarina" tem uma nova apresentação didática e acréscimo e enriquecimento de fatos, porém, possui o mesmo quadro teórico na construção da história em relação a "Santa Catarina (História e Evolução)".

Cabral foi um dos escritores mais ecléticos de Santa Catarina. Sua numerosa obra versou sobre variados campos do conhecimento humano: medicina — era médico —, História, Folclore, Etnologia, ficção e outros. Como Historiador é um nome destacado e reconhecido na Historiografia Catarinense contemporânea, especialmente na florianopolitana.

A crítica historiográfica de uma



sociedade é um indicativo fundamental da profundidade da sua produção histórica. A história catarinense urge historiar-se, ou seja, tomar consciência de suas potencialidades e seus limites para tonar-se mais agressiva na busca de interpretações temporais da sociedade catarinense.

A perspectiva Histórica de uma obra de História é a maneira do historiador construir intelectivamente o seu objeto de conhecimento. É o fio condutor que perpassa a História do historiador; é a ótica do historiador. Todo o historiador tem necessariamente "uma perspectiva construtiva do passado", explicitada e assumida ou implícita e inconsciente, contextualizada na sua cultura e no seu tempo.

A perspectiva histórica de Cabral em "História de Santa Catarina" será perscrutada a partir de três aspectos a saber: a seleção dos fatos, a prioridade dos agentes históricos e os critérios de periodização, interligados entre si.

Na construção do seu objeto — a história de Santa Catarina — Cabral seleciona alguns fatos do passado e lhes confere o "status" de fatos históricos que passam a fazer parte de sua história, prioriza determinados agentes históricos e utiliza determinados critérios para periodizar. Assim, a "História de Santa Catarina" de Cabral é uma história do Estado de Santa Catarina na perspectiva cabralina, grávida de seus valores e preconceitos.

Este trabalho monográfico fez parte da avaliação parcial da disciplina "Historiografia Brasileira e Regional" do Curso de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Foi orientado pelo Professor Valter Manoel Gomes, ao qual desejamos agradecer pela seriedade acadêmica e profissionalismo.

## 1 — A SELEÇÃO DOS FATOS

Os fatos históricos selecionados por Cabral são essencialmente de caráter político-administrativo. Seu "leitmotiv" é mostrar mudanças, melhorias, progresso na Administração Pública em todos os níveis — civil, militar e eclesial — que contribuíram para o desenvolvimento do Estado de Santa Catarina. Marginaliza dentre outros, fatos ligados ao desenvolvimento indus-

trial, processos de colonização, inovações culturais, costumes.

Cabral começa sua História de Santa Catarina em 1530 com a Missão de reconhecimento de Martim Afonso de Souza nas terras brasileiras. Cita os navegadores de vários países, que aportaram no litoral sul do Brasil no século XVI e as Missões Catequéticas dos Jesuítas entre "os gentios".

Os indígenas passam para a História de Santa Catarina a partir do interesse europeu no Atlântico Sul do Brasil. Cabral não explora a História dos indígenas antes da vinda dos navegadores e colonizadores, como faz Piazza na sua obra sobre a História de Santa Catarina (2).

Sua ótica histórica é a do conquistador ao falar da "nação carijó" que habitava o litoral sul do Brasil. Por exemplo, com relação a uma Missão Religiosa de padres jesuítas de 1605, Cabral diz que "a impressão dos dois padres com respeito aos indígenas não foi das melhores, retratando-os como indiferentes, preguiçosos, sujos, incestuosos e antropófagos" (3). Não se preocupa com a "Ruína dos carijós" como faz por exemplo Santos numa obra sobre a História de Santa Catarina (4).

No Capítulo IV da Primeira parte, intitulado "Fundações Litorâneas", Cabral destaca a fundação das três primeiras povoadas no litoral catarinense em meados do século XVII: São Francisco, Desterro e Laguna. É o momento da conquista e organização do litoral catarinense, que embora frágil e irregular, marca o início do processo de ocupação metropolitana.

No século XVIII cita a elevação de Desterro a categoria de Vila em 1723 e com o sub-título "As Vilas", diz que "a vila era a unidade político-administrativa colonial. Cada uma delas e seu termo possuía uma Câmara de vereadores, com número variável de membros e à qual competia sobre os assuntos diretamente ligados à sua vida civil (...)" (5). Menciona adiante a forma de realizar as eleições nas Câmaras e a organização da Justiça.

Com o Capítulo VI da primeira parte intitulado "A Era do Povoamento", Cabral descreve a primeira fase da organização da Capitania de Santa Catarina, precipuamente Desterro, a capital. A partir de sua perspectiva político-administrativa, Cabral dá ênfase à



Criação da Provedoria da Fazenda (1737), a construção do Sistema de Fortificações, a articulação da Colonização açoriana, a criação do Regimento de Linha, da Ouvidoria e das freguesias de Desterro, além de comentar a dependência eclesiástica do clero catariense ao Bispo do Rio de Janeiro.

Cabral não se mostra muito preocupado em detalhar outros fatos como por exemplo a Imigração e colonização açoriana, suas dificuldades e vitórias como faz apuradamente Piazza (6). Porém a construção da moradia do Governador, da matriz, do Quartel Grande em fins do século XVIII ou a nomeação dos "Juizes de Fora" em Desterro são fatos significativos na obra Cabralina, que aparecem num subtítulo sugestivo chamado "A Vila Cresce" (7).

Com a emancipação política do Brasil, passa a relatar detalhadamente as instituições civis, militares e eclesiásticas que se desenvolvem na agora Província de Santa Catarina. Descreve a constituinte e a Constituição Imperial de Santa Catarina, os presidentes de Província, o ensino, o desmembramento de novos municípios, enfim, a organização da Província. Neste sentido nos vários períodos da Época Imperial, destaca subsídios chamados "A Província". Por exemplo, no Capítulo V da segunda parte, no subtítulo "A Província" durante a segunda metade no século XIX, diz que "a Província aos poucos foi apresentando modificações na sua estrutura administrativa, como não poderia deixar de ser" (8).

Cabral deixa explícita sua prioridade aos fatos político-administrativos e artísticos ao falar da gestão de um Presidente de Província:

"Na gestão de Feliciano Nunes alguns fatos importantes havidos merecem registro. Em 1832, foi extinto o cargo de Comandante das Armas, e criado o lugar de Chefe de Polícia. Neste mesmo ano, a 18 de agosto, nasceu no Desterro Victor Meireles e Lima, que viria a ser um dos grandes pintores nacionais" (9).

No período Republicano, o fetichismo Cabralino por fatos político-administrativos se acentua devido a complexidade cada vez maior das instituições da administração pública devido ao desenvolvimento do Estado de Santa Catarina.

O subtítulo "A Província" agora é

substituído por "O Estado" ou "A Administração" em que descreve as modificações na máquina administrativa do Estado. Logo após a Proclamação da República, o subtítulo é revelador: "Reorganiza-se a vida no Estado" (10), leia-se a vida político-administrativa do Estado.

Cabral destaca as oito constituições estaduais durante o Período Republicano até 1968, a criação do Superior Tribunal de Justiça (1891) e das novas Comarcas e novos municípios, as divisões políticas, o nome dos políticos, os partidos.

Sobre os municípios Cabral se detém mais cabalmente, pois o município é uma unidade político-administrativa de revelada importância, principalmente no século XX. No Prefácio da obra confessa: "Tive a preocupação de compilar dados relativos à História da maioria dos municípios (...)". (11). Na obra são designadas aproximadamente trinta páginas sobre o histórico dos municípios, destacando lei e data de fundação ou desmembramento.

Por exemplo, após a Guerra do Contestado, Cabral cuida de descrever os novos municípios surgidos com o Acordo de 1916 entre Santa Catarina e o Paraná sobre os limites destes dois estados. Ao se referir ao período posterior a Revolução de 30 o autor conclui que "numerosos municípios foram criados, descentralizando o Sistema Administrativo, principalmente nos últimos anos. As suas cidades cresceram e aprimoraram o aspecto urbano, sendo citadas de todos os melhoramentos exigidos modernamente" (12).

Sem dúvida, o município mais historiado é Florianópolis, pelo fato de ser a capital do Estado de onde emanam as decisões políticas e administrativas e a maior cidade do Estado quando Cabral escreve o livro. Além disto, deve-se levar em conta que Florianópolis foi a cidade em que Cabral residiu a maior parte de sua vida. A Nossa Senhora do Desterro — nome de Florianópolis até 1894 — dedicou uma obra de fôlego, destacando inteligente e ironicamente aspectos de seu cotidiano (13).

Na ótica político-administrativa Cabralina, a questão dos limites entre Santa Catarina e o Paraná, resolvida após a chamada Guerra do Contestado mereceu um capítulo especial intitulado "A Questão do Contestado". Neste



faz uma longa retrospectiva histórica sobre os limites de Santa Catarina desde a época colonial até o Acordo de 1916.

A Administração eclesial é enfatizada no período da República Velha onde Cabral destaca fatos significativos tais como a Criação da Diocese de Florianópolis (1908), a passagem da mesma à sufragania da Província Eclesiástica de Porto Alegre (1910), a posse de D. Joaquim Domingues de Oliveira (1914) e principalmente a criação da Província Eclesiástica de Santa Catarina (1927) que teve dois bispados sufragâneos (14).

A preocupação Cabralina em detalhar precipuamente fatos políticos e administrativos é claramente percebida nos onze anexos da obra. Estes procuram relatar ou quantificar o crescimento da população, os municípios, divisões jurídicas e eclesiástica, nomes de Presidentes de Província, Governadores, Interventores, Deputados Federais, Senadores e "alguns titulares" citados no livro (15).

As Guerras e Revoluções também recebem um tratamento especial na obra de Cabral, dentro da tradicional descrição factualista. Destaca a invasão espanhola de 1777 com o subtítulo "A Tomada da Ilha", destaca um capítulo a Guerra do Farrapos e a República Juliana" e dois substitulos a Guerra do Paraguai. No período republicano dedica um capítulo à "Revolução de 1893" e outro a chamada Guerra do Contestado que intitula "A Guerra dos Fanáticos". Chama os caboclos revoltados de fanáticos", o que denota um olhar sobre o fenômeno a partir dos parâmetros da Administração Pública Estadual. Esta visão contrasta radicalmente com a Guerra do Contestado feita por Auras (16), que privilegia a organização dos caboclos revoltosos a partir da Religiosidade Popular. Cabral dedicou dois livros a Questão do Contestado (17).

No penúltimo capítulo do livro intitulado "Últimas Campanhas" descreve as revoltas no Brasil na década de 20 e a Revolução e 30, enfatizando a queda do Governo Fúlvio Aducci em Santa Catarina. É interessante notar que embora faça menção a Constituição de 1967 não dá importância ao Movimento Militar de 1964 e as suas consequências no país e no Estado de Santa Catarina.

Por fim, deve-se notar que Cabral seleciona também fatos ligados a saúde como a situação da Medicina, os médicos e os Hospitais, atípicos nas histórias de Santa Catarina. Parece claro que a seleção destes fatos se deve a formação de Cabral; a Medicina é seu lugar social. Escreveu vários livros sobre a saúde pública e higiene (18).

## 2 — A PRIORIDADE DOS AGENTES HISTÓRICOS

Cabral prioriza os indivíduos no passado. A sua história é movida precipuamente pela ação competente e heróica de indivíduos e não por interesses de grupos ou classes sociais. Estes indivíduos são geralmente administradores públicos, políticos, militares, eclesiásticos e oportunamente artistas e escritores.

Enfatizando os indivíduos como sujeitos principais da História, Cabral faz panegírico à elite dirigente administrativa do Estado de Santa Catarina. Assim, o seu tipo ideal de indivíduo-agente-da-História é o "tipo administrador" que pinça desde a época colonial à década de 60.

Os primeiros indivíduos colocados em realce são os bandeirantes fundadores dos núcleos vicentistas: Dias Velho, Manuel Lourenço de Andrade e Britto Peixoto. Por exemplo, os últimos dias de Britto Peixoto são descritos com o subtítulo "O fim de um lutador" (19).

Na perspectiva Cabralina, Silva Paes foi o primeiro grande administrador da Capitania de Santa Catarina:

Escreve o Brigadeiro Silva Paes à frente do governo da Ilha de 1739 a 1748, devendo à sua iniciativa grandes obras e empreendimentos que transformaram Santa Catarina de um ajuntamento de pequenas vilas sem maiores afinidades entre si numa verdadeira Capitania. Não se limitou o Brigadeiro, que era engenheiro militar e oficial brilhante do exército lusitano, a levantar uma fortificação apenas, para a defesa do novo presidio, mas estabeleceu um verdadeiro plano de fortificações (...)" (20).

A importância de Silva Paes na História da Capitania de Santa Catarina em uma década de administração mede-se pelas obras que realizou e que Cabral eraltece: o Sistema de fortificações, a articulação da colonização Açor-



riana, construção da Casa do Governo e da Igreja Matriz, o incremento na Agricultura, recepção dos padres jesuítas (1748).

No período colonial, os governadores da Capitania recebem subtítulo "Os Governadores", descritos nos diversos períodos. Alguns merecem destaque por suas iniciativas e personalidade. Por exemplo, sobre o governador João Alberto Miranda Ribeiro diz que é "homem austero e digno" e "o interesse de João Alberto pelos assuntos da Capitania e o seu constante desejo de melhorá-la valeu-lhe uma censura da parte do Vice-Rei, que o advertiu de que ele fora nomeado para governar e não para inovar coisas (...)" (21).

No século XIX, o herói cabralino é Jerônimo Coelho, que foi militar chegando ao posto de Tenente Coronel, fundador do primeiro jornal catarinense em 1831 — "Os Catharinense" — e político. Cabral diz que Jerônimo Coelho foi sem dúvida o mais ilustre catarinense do século XIX e que (...) a sua desambição e o seu alto valor intelectual explicam não só sua brilhante fé na carreira das armas, como o seu êxito na política." (22).

No campo artístico da segunda metade do século XIX, Cabral destaca com subtítulo Cruz e Souza, "o maior" das letras; Victor Meireles; "o maior artista que Santa Catarina já produziu" e Luiz Delfino como poeta e que também foi senador.

Os dois "vultos Históricos" de Cabral na República Velha em Santa Catarina foram Lauro Muller e Hercílio Luz. O primeiro foi militar, governador do Estado duas vezes, Ministro também duas vezes, Deputado Federal, Senador e até membro da Academia Brasileira de Letras; o segundo também foi Governador por duas vezes, político e senador.

Sobre Lauro Muller, "o primeiro governador do Estado nomeado por Deodoro", Cabral diz:

"Foi, sem dúvida alguma, um dos maiores nomes da política barriga-verde nos primeiros trinta anos da era republicana, com largo prestígio nacional. (...) Oficial do Exército, pode-se dizer que, depois da Revolução de 1893, quando participou das operações militares, inclusive tomando parte no memorável cerco da cidade de Lapa, no Paraná, fez toda a sua carreira fora da

caserna ocupando postos de reponsabilidade política e administrativa" (23).

Hercílio Luz galgou diversos postos da Administração pública dentre os quais governador do Estado por duas vezes. Cabral percebe-o como realizador de "grandes obras em benefício do Estado" e assim analisa suas gestões como governador:

"Extremamente popular, retirando diretamente do povo todo o grande prestígio de que desfrutou em longos anos de atuação, no seu primeiro governo deu grande impulso aos serviços, visando modernizar o Estado e colocá-lo em situação de destaque dentro da comunhão nacional. (...) O seu segundo governo marcou-se pelo saneamento da Capital e pela ligação da Ilha de Santa Catarina ao continente pela ponte que recebeu o seu nome, além de outras obras que o tornaram verdadeiro benemérito do seu Estado" (24).

Souto numa obra sobre a História econômica de Santa Catarina também percebe a ação modernizadora dos Governos de Hercílio Luz ao que chama "Tecnocracia Hercilista", porém não fica preso somente ao indivíduo Hercílio Luz, apesar dele ser importante na História (25).

Na História Contemporânea de Santa Catarina, Cabral eleva a figura de Nereu Ramos que foi Governador do Estado, Intenventor Federal, Senador, Vice-Presidente e até Presidente da República. Diz que "depois da Revolução de 30 tornou-se o mais acatado e destacado chefe da política de sua terra e o de maior expressão no cenário nacional" e "a sua obra administrativa, como governador e Intenventor foi das mais destacadas, principalmente, no setor assistencial, educacional e de Viação (...)" (26).

Os indivíduos que participaram de guerras ou revoltas também são enaltecidos por Cabral. Por exemplo sobre os catarinenses que participaram da guerra do Paraguai Cabral diz que portaram-se valorosamente os moços catarinenses - civis -, honrando as tradições de um passado heróico e recordando de glórias a sua pequenina Província (...). A participação de oficiais catarinenses na guerra também foi destacável" (27).

Com o subtítulo "Os Barrigas-verde no Século XX", o autor volta a destacar a heroicidade dos catarinenses



durante as guerras mundiais. Ao lembrar "o sangue heróico dos barrigas-verde" constata que apenas 30 morreram na Segunda Guerra Mundial e cita nomes (28).

Ao priorizar o indivíduo administrador, Cabral marginaliza os índios, os negros, os trabalhadores, as mulheres. Sobre estas, apenas duas foram significativas e merecem subtítulo Joana de Gusmão e Anita Garibaldi. A primeira pelo fato de ter iniciado uma obra assistencialista de caráter religioso em Desterro no século XVIII e a segunda pelos seus feitos heróicos, na Revolução Farroupilha em Laguna.

O destaque que Cabral dá a Anita Garibaldi, chamando-a também de "Heróina dos dois mundos", denota a visão de História pronta, de personagens consagrados. Neste sentido, o autor acredita que Anita Garibaldi já "penetrou" na História do Brasil e da Itália e é indispensável mantê-la (29).

Os negros são citados rapidamente na Época Colonial como escravos que segundo Cabral "salvo nas lavouras e nas Armações, a vida dos escravos não era por demais áspera, à vista da que em outras partes experimentaram, dada a reconhecida bondade da maioria dos senhores" (30). No subtítulo "O Elemento negro em Santa Catarina" analisa a situação social do negro no século XIX e no "O Abolicionismo" tece ligeiras considerações sobre a Abolição da escravatura em Santa Catarina.

Por fim, deve-se constatar que Cabral utiliza "em passant" o conceito de "estratificação social" como por exemplo no Capítulo em que analisa a população após a independência:

Ao lado de uma população verdadeiramente pobre que vivia dos pequenos ofícios de soldados e de marinheiros, já começava a surgir uma classe média — os remediados e alguns, mesmo, abastados — que tirava os lucros do comércio e do transporte de gêneros e que viria posteriormente a construir os primeiros afortunados da terra. (...) Mais abaixo, os artifices os pequenos proprietários, habitando casas de porta e janela e por último, nesta estratificação de classes, a malta dos soldados, dos marinheiros, dos negros vadios, toda uma escória de valentões e de capoeiras, à procura de rixas e de badernas, provocando nos bairros marginais do rio da Bulha, na

Toca ou na Figueira (31).

O autor é feliz nesta análise social que destoa no contexto do livro que está essencialmente voltado à descrição factual e elogio à classe dirigente do Estado de Santa Catarina. Outro fragmento interpretativo que merece realce é referente a questão da pequena propriedade em Santa Catarina ao descrever as colônias na primeira metade do século XIX. Cabral compara o latifúndio predominante na colonização do litoral nordestino brasileiro e a pequena propriedade agrícola em catariense (32).

### 3 — OS CRITÉRIOS DE PERIODIZAÇÃO

A periodização de Cabral se baseia nos critérios políticos tradicionais da História do Brasil. Distingue três grandes períodos: "Brasil Colônia", "Brasil Império" e "Brasil República". O autor dá a entender que estes períodos são fixos para a História do Brasil, e que a História dos Estados deve ser encaixada nestes. Poderia ao menos chamar "Santa Catarina Colonial", "Santa Catarina Imperial" e "Santa Catarina Republicana", e não continuar usando o sujeito "Brasil", já que o título da obra é "História de Santa Catarina".

Em segundo lugar, a subdivisão dos três grandes períodos é feita a partir de critérios puramente cronológicos do tipo "A primeira metade do século XVIII", "A Segunda metade do século XVIII", "A segunda metade do século XIX", "Os últimos vinte anos" (do império), "Os primeiros anos" (da Proclamação da República até 1900), etc. Cabral cria períodos simplesmente partindo séculos ao meio ou balizando-os com batalhas como por exemplo o período de 1870-1889 ("Os últimos vinte anos"), que vai desde o fim da guerra do Paraguai até a Proclamação da República.

Não há um critério sólido que permeia a obra e que distinga certa coerência entre os períodos. Aliás, constata-se que os períodos estão excessivamente fragmentados por fatos políticos o que dificilmente indicaria mudanças significativas na História de Santa Catarina.

Dentro desta perspectiva político-administrativa de Cabral, constata-se a ênfase a certos períodos em que abundam obras públicas de certos gover-



rantes. Por exemplo o Governo de Silva Paes em meados do século XVIII ou de Nereu Ramos no século XX.

Não há preocupação em contextualizar a periodização da História de SC a partir de processos internacionais como por exemplo a Revolução Industrial. O Imperialismo, as guerras mundiais, etc. Cabral toma a forma de tempo da História tradicional do Brasil e procura selecionar fatos catarinenses e encaixá-los dentro da mesma.

Constata-se com clareza que o tempo utilizado por Cabral é o tempo factual. Sua História é construída de fatos singulares detalhados quanto ao tempo e ao espaço sem relações entre si.

Na Historiografia catarinense, a superação do tempo factual — uma questão essencial da História no século XX — é bem recente, para a qual muito contribuiu a obra de Souto que trabalha a História econômica de Santa Catarina a partir do escalonamento do tempo em três durações — fato, conjuntura e estrutura, de acordo com a concepção Braudeliana (33).

## CONCLUSÃO

"História de Santa Catarina" de Cabral tem uma clara perspectiva histórica politico-administrativa. A seleção dos fatos, a prioridade dos agentes históricos e a periodização revelam a preocupação central do autor em historiar as instituições que administram o Estado de Santa Catarina.

Os fatos que não são rigorosamente politico-administrativos, como por exemplo guerras e batalhas são olhados a partir da ótica da administração pública estadual e colocados sob sua órbita, como por exemplo a Guerra do Contestado.

O uso do tempo factual faz de Cabral mais um cronista que detalha engenhosamente os fatos que seleciona do que um cientista social preocupado em resolver problemas e confirmar hipóteses. Ele próprio confessa no prefácio que seu objetivo é "(...) reunir e compilar os fatos narrados pelos clássicos de nossas letras históricas, bem como reunir os que eu mesmo reconstruí (...)" (34).

Ha História cabralina de Santa Catarina há fatos, personagens e períodos consagrados pelos historiadores e

que são mantidos e no máximos enriquecidos. Esta postura denota uma visão de história petrificada, própria de uma concepção positivista da História do autor ainda dominante na Historiografia Catarinense na década de 60. Neste sentido, concordamos com Gomes quando afirma que "Cabral concebeu a História como feita, pronta e etiqueta num passado e que a função do Historiador, sua tarefa e competência é encontrar essa História e contá-la no presente" (35).

Já que os sujeitos da História são indivíduos governantes, ou seja, administradores públicos, militares e eclesiásticos, esta envolve-se de um caráter elitista, personalista e machista que marginaliza as classes populares e as mulheres.

Após a "Questão do Contestado", o Estado de Santa Catarina se define territorialmente e procura sua identidade. A partir desta época começam a surgir obras sobre a História do Estado de Santa Catarina, partindo da "História de Santa Catarina" de Boiteux de 1919 até a "Santa Catarina: sua História" de Piazza de 1983. Destarte, "História de Santa Catarina" de Cabral se situa nesta época de afirmação e identidade do Estado de Santa Catarina.

Enfim, acreditamos que seria oportuna uma analogia de caráter historiográfico em torno destes autores que produziram obras de caráter geral sobre a História do Estado de Santa Catarina, já que na década de 80, as pesquisas tendem a se atomizar buscando novos e diversificados objetos.

## NOTAS

- 01 — GOMES, Valter Manoel. **Formas do Pensamento**. Historiográfico Catarinense (Tese de Mestrado). Florianópolis, UFSC, 1984. p. 157.
- 02 — PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina: sua História**. Florianópolis, Ed. da UFSC/Lunardelli, 1983. p. 39-73.
- 03 — CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis, Imprensa da UFSC, 1968. p. 31.
- 04 — SANTOS, Silvio Coelho. **Nova História de Santa Catarina**. Florianópolis, Edição do Autor, 1977. p. 15-33.



- 05 — CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis, Imprensa da UFSC, 1968. p. 50.
- 06 — PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina: sua história**. Florianópolis, Ed. da UFSC/Lunardelli, 1983. p. 139-157.
- 07 — CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis, Imprensa da UFSC, 1968. p. 89.
- 08 — Ibid, p. 148.
- 09 — Ibid, p. 110.
- 10 — Ibid, p. 262.
- 11 — Ibid, p. 8.
- 12 — Ibid, p. 336.
- 13 — CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro; Memória e Notícia 1 e 2**. Florianópolis, Lunardelli, 1979.
- 14 — CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis, Imprensa da UFSC, 1968. p. 278.
- 15 — Ibid, p. 341-372.
- 16 — AURAS, Marli. **Guerra do Contestado; A organização da Irmandade Cabocla**. Florianópolis, Editora da UFSC/Assembléia do Estado de Santa Catarina, 1984.
- 17 — João Maria — **Interpretação da Campanha do Contestado (1960) e A Campanha do Contestado (1979)**.
- 18 — **O Ensino de Higiene nas Escolas Públicas de Santa Catarina (1927), Problemas Educacionais de Higiene (1929), O Segredo Médico em Face da Lei Peral e da Deontologia (1951), Medicina, Médicos e Charlatões do Passado (1942)**.
- 19 — CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis, Imprensa da UFSC, 1968. p. 52-53.
- 20 — Ibid, p. 55.
- 21 — Ibid, p. 82.
- 22 — Ibid, p. 144-146.
- 23 — Ibid, p. 267-68.
- 24 — Ibid, p. 275.
- 25 — SOUTO, Américo Augusto da Costa. **Evolução Histórico-econômica de Santa Catarina: estudo das alterações Estruturais (século XVII — 1960)**. Florianópolis, CEAG/SC, 1980. p. 169.
- 26 — CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis, Imprensa da UFSC, 1968. p. 333.
- 27 — Ibid, p. 150-151.
- 28 — Ibid, p. 331.
- 29 — Ibid, p. 127.
- 30 — Ibid, p. 86.
- 31 — Ibid, p. 100-101.
- 32 — Ibid, p. 191-196.
- 33 — SOUTO, Américo Augusto da Costa. **Evolução Histórico-econômica de Santa Catarina; estudo das alterações estruturais (século XVII-1960)**. Florianópolis, CEAG/SC, 1980.
- 34 — Ibid, p. 8.
- 35 — GOMES, Valter Manoel. **Formas do Pensamento Historiográfico Catarinense (Tese de Mestrado)**. Florianópolis, UFSC. 1984. p. 170.

## BIBLIOGRAFIA

- AURAS, Marli. **Guerra do Contestado; a organização da Irmandade Cabocla**. Florianópolis, Edit. da UFSC/Assembléia do Estado de Santa Catarina, 1984.
- BECKER, Fernando et alii. **Apresentação de Trabalhos Escolares**. 7. ed. Porto Alegre, PRODIL, 1984.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis, Imprensa da UFSC, 1968.
- LAPA, José Roberto do Amaral. **Historiografia Brasileira Contemporânea; História em Questão**. Petrópolis, Vozes, 1981.
- GOMES, Valter Manoel. **Formas do Pensamento Historiográfico Catarinense (Tese de Mestrado)**. Florianópolis, UFSC, 1984.
- PIAZZA, Walter Fernando. **Santa Catarina: sua História**. Florianópolis, Ed. da UFSC/Lunardelli, 1983.
- SALVADOR, Angelo Domingos. **Métodos e técnicas de Pesquisa Bibliográfica**. 11. ed. Porto Alegre, Sulia, 1986.
- SANTOS, Silvio Coelho dos. **Nova História de Santa Catarina**. Florianópolis, Edição do Autor, 1977.
- SOUTO, Américo Augusto da Costa. **Evolução histórico-econômica de Santa Catarina; estudo das alterações Estruturais (século XVII-1960)**. Florianópolis, CEAG/SC, 1980.



## AUTORES CATARINENSES

---

ENÉAS ATHANÁZIO

Transcorreram com muito êxito, boa presença de público e cobertura da imprensa os dois grandes eventos culturais deste período: Festival de inverno de Blumenau e Festival de Dança de Joinville. Bem organizados e com programações para todos os gostos, ambos cumpriram sua finalidade e mereceram aplausos generalizados, inclusive de pessoas e da imprensa de outros Estados. Esperamos que eles sejam cada vez mais aprimorados e se firmem em definitivo no calendário da cultura nacional.

---

Três figuras destacadas nos meios culturais faleceram desde o mês de junho. A. Tito Filho, professor, escritor, presidente por muitos anos da Academia Piauiense de Letras, grande divulgador de autores de todo o País, inclusive de nosso Estado, na cidade de Teresina, onde residia. Conhecido por sua obra vasta e variada, com quase 40 livros publicados e centenas de trabalhos avulsos, desenvolveu por mais de quatro décadas uma luta incansável pela cultura em geral e mais particularmente pela literatura. Graças ao seu empenho a APL se tornou uma entidade ativa e dinâmica como poucas. Sua falta será muito sentida e o seu falecimento tem sido justamente lamentado em toda parte.

Em Curitiba, aos 49 anos de idade, desaparecia o conhecido jornalista Aramis Millarch. Grande conhecedor de música e cinema, foi um admirável crítico dessas artes em sua coluna «Tablóide», que manteve durante muito tempo nas páginas do jornal «O Estado do Paraná». Em ocasiões esporádicas também fazia crítica de livros e vários dos de minha autoria foram comentados por ele. Dono de um admirável estúdio, deixou um grande acervo de discos, fitas, vídeos e livros colecionados ao longo de toda a vida. Seu desaparecimento precoce foi muito sentido.

---

José E. Finardi, nosso historiador, companheiro de várias iniciativas na área da cultura em Blumenau foi o terceiro. Autor de obras importantes sobre a história regional, foi também jornalista, cronista, ficcionista, poeta e professor. Dono de uma cultura humanística invejável, vivia às voltas com os livros. Era uma de minhas mais frequentes visitas no Fórum de Blumenau e muito me valia de seus escritos na composição de alguns trabalhos meus. Foi sepultado na cidade natal de Acurra, que amava à distância e que perenizou nas letras em um livro modelar.

Fui amigo de cada um, de modo diferente, mas foi com sinceridade que senti por todos. Sua ausência empobrece o mundo da cultura.



Visitei em Joinville a Feira do Artesanato que se realiza no segundo sábado do mês ao longo da Rua do Príncipe. É visível o seu empobrecimento e algumas pessoas afirmaram que está em decadência, caminhando para um fim inexorável. Embora seja registrada em quanto manual de turismo exista, dizem os participantes que ela não vem merecendo o apoio do município, o que é lamentável. Outros eventos importantes, como a Feira Catarinense do Artesanato (FECART), que acontecia em Balneário Camboriú no mês de janeiro, e o Salão de Verão que se realizava em São Francisco do Sul nesse mesmo mês também desapareceram. Quando se gasta tanto em coisas secundárias e às vezes inúteis, por que existe tanta renitência em ajudar realizações dessa natureza? É incompreensível, mas o fato se repete com dolorosa frequência.

---

Em compensação, a Casa de Cultura de Itajaí levou a efeito uma Feira do Livro, onde foram vendidos livros novos e sobre todos os assuntos, inclusive boa literatura, por preços muito inferiores aos do mercado, subsidiados pelo setor cultural da Municipalidade. As vendas foram boas, mostrando que o brasileiro gosta de ler desde que possa adquirir as obras por preços razoáveis. Merece felicitações a Casa de Cultura da cidade praiana.

---

O cronista Jair Francisco Hamms está publicando suas deliciosas crônicas no «Jornal de Bordo», publicação que é distribuída gratuitamente nos terminais rodoviários do Estado. Uma forma inteligente de criar novos leitores. \* O «Suplemento Literário A Ilha» chega ao seu 40º. número, o que é um acontecimento em publicações do gênero. E ainda publicou um número extra inteiramente dedicado ao Festival de Dança de Joinville. \* Promovido por «Espaço de Arte Açu-Açu» realizou-se em Blumenau o evento «Entrelaços de Inverno 1», ocasião em que foi autografada a segunda edição de «O Código das Águas», de Lindolf Bell, foram lançados poemadesivos e corpoemas e inaugurada exposição de fotos de Lair Leoni Bernardoni. \* A Editora da FURB promoveu um encontro de escritores catarinenses à Rua XV de Novembro, defronte à Igreja Matriz, em Blumenau. Muitos escritores prestigiaram a feliz iniciativa e Sandra Heck, diretora, merece nossos parabéns pela realização. \* A arquiteta Maria Theodora de Bem instalou no prédio do Cine Itália, em Balneário Camboriú, a Galeria Di Bem Com Arte, onde expõe quadros, tapetes, móveis e objetos de arte em geral. Ambiente requintado e acolhedor, merece uma visita dos interessados. \* Foi inaugurado na mesma cidade o Arquivo Histórico, dando início ao trabalho de conservação do acervo documental do município. \* O escritor Jácomo Mandatto estará lançando na Bienal do Livro o volume de sua autoria «A Semana Revolucionária», reunindo importantes documentos sobre a célebre Semana de Arte Moderna



de 1922. \* E o Prof. Homero Senna informa que deve surgir a qualquer momento a nova edição do romance «Vida Ociosa», de Godofredo Rangel, com texto preparado pela Fundação Casa de Rui Barbosa. Até que enfim se lembram dele!

E para encerrar transcrevo um poema de Salete Delourdes, poeta e jornalista, publicado na coletânea «Blumenalia Poética»:

### CERRAÇÃO

Perdi  
meu filho  
nas tardes  
nevoeiras

Em noites  
de cerração  
um cão uiva

gelado  
e ruidoso

---

## AO REDOR DO DR. BLUMENAU (IV)

Theobaldo Costa Jamundá

Linhas passadas estão registradas afirmações mais ou menos desconhecidas por que mais dos estudiosos com alguma especialidade ou propriamente, como dizem, da área dos eruditos ou ainda daqueles com certa capacitação intelectual.

Ficou afirmado que vários empreendimentos colorizadores fracassaram e que entre eles estavam alguns de germânicos. Convém entender que o empreendimento colonizador mal sucedido, exatamente, não limitou quem pessoalmente, fez parte dele. O imigrado no território brasileiro dispôs da liberdade que quis para realizar-se na ambição que administrou. E para ser figura maior na agricultura, no comércio, na indústria ou numa profissão liberal, exatamente, também, não depen-

deu de ser desta ou daquela nacionalidade. No mundo catarinense os exemplos são contáveis em quantidade apreciável, principalmente, trazendo como provas os herdeiros continuadores do esforçado investimento paterno.

Relacionar os brasileiros com raízes na Colônia alemã de São Pedro de Alcântara, como dignificadores dos lares em que nasceram, daria "in-fólio" de muitas páginas. E neste raciocínio se tem que, muito blumerauense de destaque nacional não apareceu nem ficou limitado nos limites municipais.

O Brasil não encarcerou o imigrado no espaço territorial da colônia para a qual chegou, nasceram os filhos e com eles a contribuição para o engrandecimento nacional.

A diferença entre a Colônia alemã



de São Pedro de Alcântara e a Colônia alemã do Dr. Blumenau. É que a última foi particular e a outra dos planos administrativos dos governos imperial e provincial.

Para quem admite que a primeira foi mal sucedida e a segunda foi bem. Admite que a particular teve um gerenciamento. Na verdade para um interesse de país Brasil a Colônia de São Pedro de Alcântara foi tão importante quanto a Colônia de Blumenau. - Os ascendentes dos imigrados de ambas como brasileiros são iguais e úteis, operaram pela inteligência aplicada e pelo trabalho de todos os dias o engrandecimento brasileiro.

Um detalhe aparece e nem é bem avaliado: a Colônia de Blumenau foi empresa privada. O Dr. Blumenau foi proprietário e gerente, foi idealista até no sentir-se responsável e aceitou conscientemente, o enfrentamento com a ambiência da mata húmida Atlântica. As componentes deste detalhe informa que jamais a nacionalidade do imigrado foi, isoladamente, o principal. No conjunto as qualidades com acentuada força de vontade e mais a nacionalidade. É obvio que a preferência pelos compatriotas existiu. Entretanto não tolerou comportamentos inconvenientes e afetadores da ordem. A severidade administrativa do Dr. Blumenau ainda hoje está na falação crítica. Acontece que os críticos desconhecem que comportamentos indisciplinados e turbulentos com os imigrados poloneses católicos contribuíram muito para o insucesso desastroso da Colônia Muniz, no território da geografia do atual município de Ilhéus (Bahia).

No detalhe ficam à disposição três conclusões tomadas em observações feitas em leituras específicas: 1. quem imigrou querendo "Lugar ao Sol" e alcançou, foi bem sucedido; 2. É incorreto atribuir fracasso de empresa colonizadora aos que nela não tiveram o gerenciamento necessário; 3. Logo, é

de bom senso compreender que o Dr. Blumenau foi líder, proprietário, diretor e gerente.

Admitindo-se estas considerações, compreende-se por que a Colônia de São Pedro de Alcântara dá impressão de ter colhido insucesso. E como ela outras tantas onde estavam germânicos e outros imigrados: faltaram nelas a severidade de liderança forte. Aquela que por forte dava impressão de ser autoritária; aquela energia de orientação confiável.

Entretanto nem A, nem B, nem C ou quaisquer letras, têm autoridade intelectual, emocional ou de qualquer espécie para inculcar de fracassado quem não ficou no espaço do núcleo da Colônia de São Pedro de Alcântara, e nem está, certo quem diz ter ali acontecido um insucesso, quanto o povoamento no qual estava interessado o governo imperial. Se o empreendimento colonizador sofreu as dificuldades que impediram rápida explosão de progresso, que se desejava fosse acima do existente em São José e mesmo em Nossa Senhora do Desterro, capital da Província. Aquelas dificuldades limitantes não impediram que o colonizado em São Pedro de Alcântara, usasse os músculos e a massa cinzenta para realizar-se onde admitira estar a felicidade que procurava. Ai calha entender a Colônia de São Pedro de Alcântara como núcleo de povoamento europeu como tantos outros que não ganharam desenvolvimento próprio e moldurador de comunidade com características culturais definidas, como, por exemplo: Blumenau, SC (1850); Caxias do Sul, RS. (1875); Joinville, SC. (1851); São Leopoldo, RS. (1824). Mesmo que existam assemelhadas cidades outras com as características descritas, as mencionadas são divulgadíssimas e são conhecidas com tantas destacadas no mapa da América Latina.

Quem está interessado no conhecimento sobre a imigração para o Brasil



vista pelo governo brasileiro, precisa admitir que de modo oculto, o interesse era povoar o vazio território, mesmo que as colônias de imigrantes não chegassem a cidades desenvolvidas; também esteve na ambição do governo do Império e nos governos das Províncias, trazer artifices.

Com dupla ambição esteve o governo da Província de Pernambuco: por primeiro pretendeu receber imigrantes, e com o val do Imperador, o presidente Thomaz Xavier Garcia de Almeida conseguiu 103 pessoas de ambos os sexos incluindo crianças; aceitou também soldados alemães oriundos do 2º de Granadeiros. Estavam nos imigrantes boa parte de prussianos artifices e agricultores. E foram localizados no lugar chamado Catacá. Outros dizem que a colônia ficou no lugar conhecido como Santo Amaro das Salinas.

Ali ou acolá o núcleo dos imigrantes alemães como assim entrou para a História de Pernambuco, ficou consistente apenas em ter sido propósito administrativo de governos, sendo pouco mais que uma notícia. Também foi mal sucedido e os colonos dispersados na conformidade dos destinos que escolheram, naqueles anos de 1829 para frente. (Cf. Gilberto Freyre, *Guia Prático, Histórico e Sentimental da Cidade do Recife*, pág. 190. Liv. José Olympio Editora, Rio de Janeiro 1942.

Mas os políticos familiarizados com a agricultura latifundiária de cana-de-açúcar, avaliavam bem a significância do imigrado europeu. Daí outra vez ter existido uma vontade governamental para se ter em Pernambuco europeus germânicos artifices.

E o dinâmico presidente da Província de Pernambuco, Francisco do Rego Barros (1802-1870) Conde da Boa Vista, providenciou contratação "para Pernambuco uma Companhia de operários especializados" nas artes e ofícios aplicados à construção civil. E tudo

ocorreu em começos de 1838. E chegaram neste projeto 195 alemães que foram colocações sob a responsabilidade do engenheiro Augusto Koersting, com eles chegado.

A Companhia referida sofreu contratempos naturais e entrou em solução de continuidade. E não se descartou ter sido quando os imigrantes absorveram a vivência recifense e avaliaram-se no mercado de trabalho. Unânimes, entretanto, estudiosos e analistas registram, que o desaparecimento da Companhia não afetou o valor do profissional imigrado como previu o presidente da Província. E na paisagem humana recifense ficou o que pela capacidade profissional eles aplicaram. (Gilberto Freyre mais Guilherme Auler e Flávio Guerra trataram deste assunto com simpatia, respectivamente, nos livros: na ob. cit. pág. 189 e outras; em ensaio bem desenvolvido, e Flávio Guerra, no livro "O Conde da Boa Vista, Recife, 1973).

O raciocínio desenvolvido fundamenta algumas conclusões: 1. O que dá o perfil do Dr. Blumenau, de corpo inteiro e integrado nos alicerces do município de Blumenau, foi, o ter sido líder forte e com forte consciência da obra com o próprio nome. E de modo permanente viu-se nutrido de força de vontade infatigável; 2. A severidade do proprietário que foi diretor, que foi gerente, que armou o colonizador para enfrentar as hostilidades da ambiência tão agressiva quanto tão bruta. E com uma certeza única, de só contar com a própria força de vontade. 3. Todos os núcleos de imigrantes entendidos como mal sucedidos, foram fundados como sendo soluções miraculosas porém sem consistente planejamento, por parte dos governos interessados; tiveram deles localizações em terras inadequadas, algum recurso financeiro burocratizado e parco. E mais os votos de: Bom sucesso... Fa-



çam por onde e Deus ajudará; 4. Nas colônias de imigrados, nas quais também estiveram germânicos, foram relacionados como contribuintes do fracasso: a. Ausência de direção e de gerenciamento, b. Ausência de liderança regulando atividades diárias; c. Dominância de inação, fome, febre e outras doenças.

Disse-me José Ferreira da Silva, analista da obra do Dr. Blumenau e apologista de blumenauensidades, que antes de decidir-se colonizado abeirado do rio Itajaí-açu, o Dr. Blumenau procurou saber do por quê foram mal sucedidas colônias de imigrados nas quais estavam alemães.

(Conitnua)

## **Subsídios Históricos**

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia), editado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

### **Notícia de 14 de maio de 1870:**

Dona Francisca — No fim do corrente mês o ensino em nossa Colônia deverá sofrer enorme perda, com o fechamento do Instituto Feminino de Ensino, dirigido pela senhora de Drusina. O referido instituto, no qual trabalham como professores, a senhora de Drusina, a srta. de Drusina, sua filha e o sr. de Drusina, teve sempre boa frequência e até fora de nossa Colônia goza de grande conceito, pois mesmo várias famílias brasileiras de outras localidades, matricularam suas filhas neste instituto, a sra. Drusina se transferirá com seu instituto para Curitiba da mesma maneira como fez o sr. J. Mueller com seu instituto para rapazes, após receber propostas honrosas e lucrativas no Paraná. O instituto da sra. Drusina também será subvencionado pelo governo da Província do Paraná. Não é por faltas de alunas, que a sra. de Drusina decidiu nos deixar, pois a sua escola atualmente é frequentada por 50 moças, e assim a lacuna, que ficará com o fechamento do instituto, é muito lamentável.

### **Notícia de 28 de maio de 1870**

Colônia Blumenau — Todos devem estar lembrados que na Exposição Mundial de Paris foi concedido um prêmio de dez mil francos à colônia Blumenau. O Ministro da Agricultura incumbiu o Ministro das Finanças de enviar a soma de nove mil francos a Blumenau, por intermédio da Presidência de Santa Catarina. Esta importância servirá para construção de um edifício escolar em Blumenau. Os restantes mil francos foram substituídos por uma grande medalha de ouro, que ficará depositada no Museu Nacional.

### **Notícia de 4 de junho de 1870**

Dona Francisca — A população do Município de Joinville conta atualmente 7.088 habitantes, sendo 3.107 brasileiros natos ou naturalizados e 3.981 estrangeiros. Estado civil: 2.534 casados, 4.369 solteiros, 185 viúvos. Pertencem ao sexo masculino, 3.729, ao sexo feminino, 3.359. Existem ainda na zona habitada por brasileiros, 70 escravos, sendo 31 do sexo masculino e 39 do sexo feminino.

A coleção do «Kolonie-Zeitung» faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.



# Blumenau em festas

Muito se tem escrito sobre a **Oktoberfest** de nossa cidade, em boa hora criada, ou melhor, recriada.

Pouca gente no entanto se dá conta que esta tradicional festa alemã já era comemorada aqui muito antes de seu ressurgimento em meados da década passada. Fazia parte de um calendário de comemorações, repetido anualmente desde os primeiros tempos da Colônia.

O ciclo começava com a celebração da Páscoa. Na melhor tradição européia, a Ressurreição era comemorada com ovos, cantando o início da vida. Aqui também, Os preparativos nos lares já começavam com semanas de antecedência. Guardavam-se as cascas vazias dos ovos, cuidadosamente esvaziados por um pequeno orifício, que eram enfeitadas com papel de seda ou pintados, recheadas com amendoim torrado coberto com açúcar. A medida que se aproximava a Semana Santa, as vitrines das confeitarias e armazéns apareciam cheias de chocolates em formato de ovos e coelhinhos. Cestas eram enfeitadas para levar as guloseimas.

Na Quinta-feira Santa quase tudo já devia estar preparado, pois começava o grande silêncio da Sexta-feira da Paixão, dia de poucas atividades, jejum e abstinência. Nos bares, falava-se baixo e não havia música. O cinema permanecia fechado e a Rádio Clube local tocava somente clássicos. Nas ruas os carros evitavam buzi-

nar, e até nosso saudoso trem não apitava, chegando e partindo silenciosamente. À noite saía a procissão do Senhor Morto, que atravessava a Rua Quinze e terminava de volta ao pátio da Matriz, onde, após um sermão, uma **Verônica** cantava para a multidão, mostrando o rosto de Jesus que havia ficado gravado no lenço por ela usado para enxugar-Lhe o rosto.

Os retoques finais nos preparativos para a Páscoa terminavam no Sábado de Aleluia. No domingo de manhã os pais levantavam-se cedo para «ajudar o coelhinho» a esconder os ovos nos jardins das casas. Que alegria, quando chegava a hora de soltar a gurizada para procurar seus ninhos (montados já na véspera) e catar os ovinhos espalhados e bem escondidos! À tarde desse mesmo dia as famílias encontravam-se para se desejarem boas festas e feliz Páscoa. Segunda-feira era feriado, como segundo dia de festa.

O próximo grande festejo acontecia no Domingo do Espírito Santo, que além de uma festa religiosa era também o dia de uma grande festa social, o **Schützenfest**, tradição igualmente trazida pelos imigrantes. Dizia-se, aliás, que quando três alemães se encontravam pelo mundo a fora, logo criavam um **Gesangverein** (sociedade de canto), um **Turnverein** (sociedade de ginástica) e um **Schützenverein** (sociedade de tiro)...

A festa dos **atiradores** era, sem dúvida, a maior festa popular de Blumenau naqueles tempos idos. A semana que a antecedia era cheia de preparativos. Era quando os participantes limpavam as espingardas, carregavam os cartuchos e poliam as medalhas já conquistadas em anos anteriores. Punham a secar os uniformes que



usavam, fazendo lembrar os guardas florestais na longínqua Alemanha, de onde era importada a casemira para sua confecção. Usavam calça verde escura, acompanhada de paletó verde claro com punhos e gola iguais à calça. O chapéu era verde escuro com aba levantada em um dos lados, fixada por um cocar composto de uma fita vermelha e branca com o emblema dos atiradores (duas espingardas cruzadas em volta de um chapéu) e uma folha de carvalho.

Os festejos propriamente ditos começavam no sábado à noite, com uma **marche aux flambeaux** puchada pela banda (Kapelle) do Sr. Werner, simpático barbeiro, que andava sempre vestido de branco, pessoa quase folclórica na cidade. A marcha percorria toda a Rua Quinze. Na madrugada de domingo, toda a população era acordada com um toque de alvorada, e o **Rei** do ano anterior era conduzido até o ponto de reunião, o **Hotel Gross** (mais ou menos onde hoje estão as **Lojas Hering**). Aos poucos iam chegando os atiradores, devidamente paramentados e preparados para o certame.

Com todos concentrados, o comandante dava o comando com seu sabre, e a tropa respondia com uma salva de tiros. Era o sinal para a **Ausmarsch** (marcha de saída da cidade). Novamente ia à frente o Sr. Werner: com seus músicos, seguido pelo comandante, a cavalo.

A sede dos **Atiradores** era o **Schützenhaus** (Hoje Tabajara Tênis Clube). Tão logo lá chegavam, os participantes recolhiam-se no interior do prédio, onde começava o tiro-ao-alvo. Entre um tiro e outro, muita cerveja... Para muitos, era o dia de liberdade do ano. No

correr da festa aumentava a alegria, o barulho dos tiros misturando-se aos tiros e gargalhadas.

Lá fora, o pátio tinha sido transformado em parque de diversões, onde ficavam as famílias. Para alegria das crianças havia barracas de rifas, pescarias, balas e doces. O brinquedo mais procurado era um carrossel com lindos cavalos e charretes. Também muito concorrido era um tobogã que descia do alto do morro, descendo vertiginosamente, até um monte de areia. Barracas de comida completavam o conjunto (salsichas e **chucrute** não podiam faltar...).

As mulheres divertiam-se nas canchas de bolão. Tomavam café com bolos, conversavam muito e **fofocavam** bastante, pois todas se conheciam. À noite voltavam para suas casas, mas somente para ajeitar as crianças e aprontar-se para o grande baile, onde se apresentavam em seus vestidos novos, costurados especialmente para a ocasião. A essas alturas já se conhecia o novo **Rei**. Muita cerveja, muita dança! A festa ia até o raiar do dia.

Apesar da curta noite de sono, estavam todos novamente a postos às nove horas, desta vez para disputar o título de **Vogelkoenig** (rei do pássaro), que, feito de madeira, bem colorido e com enormes asas, tinha que ser derrubado. Quem derrubasse seu último pedaço seria o novo rei, mas que ainda não seria o último, pois havia ainda o **Palmitenkoenig** (rei dos palmitos), título com que era contemplado o atirador que mais acertasse no mato atrás dos alvos... Conhecidos os novos soberanos, mais um pouco de festa regada a cerveja, e começavam os preparativos para a marcha de vol-



ta para a cidade, a **Einmarsch**.

Terça-feira era dia de descanso, quando as famílias se reencontravam, já que durante os festejos haviam estado cada um para seu lado. Era também um dia de balanço de tudo o que tinha acontecido durante os dias passados no clube.

Bons tempos! Três dias de uma festa que deixou saudade em quem a viveu!

Lamentavelmente esta comemoração terminou com a entrada do Brasil na segunda guerra mundial. O **Schützenhaus** passou a ser o quartel do 32º Batalhão de Caçadores. Mais tarde o clube foi reorganizado, porém com objetivo diferente.

No mesmo fim-de-semana havia a festa do Espírito Santo, celebrada na Igreja Matriz católica com uma grande quermesse. Barracas de rifas, música, carrossel, churrasco.

Não havia competição entre os dois eventos, até mesmo porque a maioria dos atiradores era de luteranos.

O ciclo de festejos era retomado com a **Oktoberfest**. Menos institucionalizada que a versão atual nem por isso era menos animada. Originária do norte da Europa, esta festa comemorava o último encontro do povo antes do longo inverno. Em Blumenau, foi comemorada até o início da primeira grande guerra. Durante aquele conflito, pouco ou nada havia aqui a comemorar, já que o Brasil se alinhara com os países que combatiam o Império Alemão, pátria dos pais e avós da maioria dos blumenauenses. Na verdade, pouco ou quase nada se sabe destas **Oktoberfest** de antigamente, apenas que eram comemoradas

tanto com cerveja como com vinho, servidos em barraquinhas atendidas pelas senhoras blumenauenses, paramentadas a caráter.

Era chegada então a época do Natal, a grande festa das famílias. Semanas antes, um clima diferente já se fazia notar, principalmente para as donas-de-casa. Os preparativos começavam pelas casas, tanto no interior como no seu exterior. Cortinas eram retiradas, tapetes escovados, janelas lavadas, pinturas retocadas ou mesmo refeitas. Tudo tinha que ficar impecavelmente limpo.

A seguir começava a confecção dos doces próprios para o Natal. Havia um troca-troca de receitas, às vezes centenárias, passadas de geração em geração. Os **Weinachtskuchen** mais comuns, os **docinhos de natal**, como são chamados até hoje, levavam uma cobertura branca e eram enfeitados com açúcar colorido. Outros **Kuchen** de Natal eram os **doces de mel**, cujo cheiro característico perfumava tudo. Os doces eram guardados em grandes latas, para começarem a ser servidos apenas na véspera de festa.

O ambiente também era cheio de «segredinhos». As crianças ficavam com os olhinhos brilhantes diante das vitrines das casas comerciais, pois durante o ano não se viam brinquedos nas lojas. Algumas semanas antes do Natal as vitrines se enchiam de coisas que faziam os corações dos pequeninos bater forte, durante os passeios à noite, com os pais, pelas calçadas, começando pela **Casa Willy Sievert**, e, descendo a Rua Quinze, seguindo pela **Casa Flesch**, passando a alta janela da **Casa Wolinger**, pelo **Bazar Fuchs** até a **Casa 43**, ou em sentido inverso. Pra-



ticamente tudo era importado; a indústria nacional apenas engatinhava.

No primeiro domingo do Advento, uma coroa, feita de ramos de pinheiros ou ciprestes, era pendurada no teto das salas com quatro velinhas, das quais se acendia uma a mais a cada domingo, ao som de canções natalinas. Na véspera de 6 de dezembro, dia de São Nicolau, as crianças colocavam um sapato na janela, cheio de milho e capim. Era para o burrinho do Santo, que, segundo a lenda, passava pelas casas buscando comida para o animal e deixando em troca doces e chocolates. Muitas famílias conservam este costume até os dias de hoje.

Finalmente era chegado o Grande Dia. Como aqui não se encontrava a **Tannenbaum** da velha Pátria, foi preciso encontrar um substituto, o nosso pinheiro (**Araucaria Brasiliensis**). A árvore era levada até a sala, às escondidas das crianças, onde era montada em uma lata com terra e pedras e enfeitada com bolas de vidro coloridas, de formas e tamanhos diferentes, lameta metálica e velinhas coloridas (estas são até hoje fabricadas pela **Wetzel**, de Joinville, que naquela época as vendia em caixas, acompanhadas por um folheto com a letra de canções de Natal, em português e alemão). Alguns acrescentavam flocos de algodão à árvore, para fazer lembrar a neve da velha pátria...

Ao escurecer, com a família toda reunida, abriam-se as portas e lá estava a árvore, gloriosa, toda linda e prateada, ao lado do Presépio com as fiuras do Menino-Deus e seus Pais, com os brinquedos espalhados ao seu redor. Cantava-se **Noite Feliz** e outras músi-

cas tradicionais antes da distribuição dos presentes, para maior ansiedade das crianças.

Meninos ganhavam tambores, flautas, bolas de borracha, soldadinhos de chumbo, autinhos de madeira ou de lata, **Baukloetzchen** — conjuntos de pecinhas de madeira para construir miniaturas de casas, castelos e igrejas — e enormes piões, os **Brummkreisel**, que «cantavam». Meninas ganhavam bonecas, berços, carrinhos de bebê, fogõezinhos, panelas, louças, ursinhos de pelúcia e muitas coisas mais. Tudo muito mais simples do que hoje em dia. A noite terminava com uma longa e bem preparada ceia, regada a **Bowle**, uma espécie de **sangria**, mistura de vinho branco, frutas e água mineral.

O dia seguinte, dia de Natal, era todo dedicado a visitas às igrejas e aos familiares. Dia 26 era também feriado. À noite deste dia, o grupo teatral, organizado pela Senhora Poetig, apresentava-se no Teatro Frohsin, na Rua das Palmeiras. O grupo, que já existia desde o início do século, encenava bonitas peças. Dentre estas, destacou-se **Preciosa**, opereta de Carl Maria von Weber, sob a regência do Maestro Heinz Geyer e cantada por Franz Brack, com sua bela voz de tenor, e Isolde Hering. Ao final do espetáculo, iniciava-se um grande baile.

Bem, assim a semana entre o Natal e o Ano Novo tornava-se muita curta. Além disso, era também nesta semana que o comércio era principalmente procurado para o troca-troca dos presentes que não serviam.

Por fim chegava o último dia do ano. A 31 de dezembro os clubes eram enfeitados para o baile



de São Silvestre. Os principais eram o da Sociedade dos Atiradores e o do Clube Náutico América. Começavam cedo; às oito horas os salões já estavam repletos. E eis que era chegado o momento! Todos consultavam os relógios: a última hora, a última meia hora, os últimos minutos, os últimos segundos... e, finalmente, os sinos das igrejas anunciavam a chegada do ano novo, as luzes de toda a cidade apagavam-se por alguns segundos e, ao reacenderem-se, uma desenfreada alegria tomava conta de todos: muitos foguetes, muitos tiros para o ar, muitos beijos e abraços... Alegria, por terem atravessado mais um ano, acrescida da esperança por uma nova era...

O primeiro dia do ano servia para mais uma aproximação das famílias e amigos, com o cumprimento de **Prost Neujahr!**, uma saudação ao ano que se iniciava. A cidade somente voltava ao seu normal alguns dias depois.

Em fevereiro chegava o carnaval, tradição muito mais brasileira, embora também festejado em algumas partes da Alemanha. Nunca foi forte em Blumenau, sendo comemorado quase que somente

nos clubes. Fantasias, confete e serpentina e também muito lança-perfume. Sim Senhor! O seu uso era livre até para crianças. Destacavam-se as marcas **Rodo**, metálicas, e as **Colombina**, de vidro mesmo, mais baratas, causadoras de não raros acidentes, como aquele ocorrido com um amigo, quando caiu sentado no salão com duas **Colombinas** nos bolsos traseiros de suas calças... O comércio fechava na terça-feira à tarde e carros particulares passeavam enfeitados pela Rua Quinze. O último baile era nessa noite e ia exatamente até a meia noite, quando os músicos guardavam seus instrumentos em respeito à Quaresma que se iniciava.

Com isto o ciclo de festejos se encerrava, ou melhor, estava pronto para reiniciar-se.

Olhando de hoje, parece que a Blumenau daquele tempo era muito mais alegre e colorida, talvez porque o tempo era bastante mais pacato, e as famílias disputavam de mais tempo para se encontrar, ou talvez porque o que mudou foram as pessoas, quem mudou fomos nós...

**Grete Medeiros**

---

## Reminiscências Históricas em Correspondência

«Santos, 20 de julho de 1992. — Srs. Editores de «Blumenau em Cadernos». — Prezados Senhores. — Agradeço-lhes pela gentileza, remetendo três exemplares do nr. 6, de junho 92, da revista. Como já aconteceu no final de 91 (a edição novembro/dezembro publicou uma contribuição minha), a letra impressa impõe respeito ao leitor da família. A atenção dos netos redobra e, mais importante, val além do artigo de sua avó, detendo-se nos demais assuntos, descobrindo sem querer um pouco de suas raízes. Ainda são crianças, mas a semente vai brotar. Em minha casa, «Blumenau em Cadernos» faz parte dos móveis: sobre estantes, mesinhas e no banheiro! Para ler a qualquer hora. A neta



mais velha, de 11 anos, quis saber: «se naquele tempo não tinha TV, nem rádio, cinema, avião, shoppings, nem estradas, o que eles faziam para se divertir? Só trabalhavam, comiam e dormiam?» Dei-lhe para ler o Diário do Sr. Max Humpl, janeiro de 87, páginas 13/34, que reli casualmente há alguns dias. Nenhuma resposta poderia ser tão completa: excursões, canoagem, viagens, caminhadas, muito canto e música, o ensino em várias áreas, construção palmo a palmo de uma casa, depois outra no Spitzkopf — sempre perseguindo o sonho, bordados, leitura, jardinagem observação e preservação do ecossistema (já naquele tempo), relacionamento familiar e social... com tanta tecnologia, receio que estejamos hoje bem mais pobres.

A maioria dos colonos dedicava-se à agricultura, no início pela subsistência. Mas isto não os impedia de manter seus hábitos culturais. Minha bisavó Hahne, que antes tocava piano e falava francês, tinha grossas juntas nos dedos delicados de suas mãos pela brutalidade de seu trabalho, mas importava livros e revistas para a leitura noturna em voz alta para a família, à luz do candeeiro — e transmitiu aos filhos este hábito. Foi assim que os imigrantes alemães não decaíram nem embruteceram naquelas condições incrivelmente adversas das primeiras décadas. Obrigada e um abraço a todos. — ANNA MARIA KOPROWSKI GARCIA — Rua Evaristo da Veiga, 248/03 — 11.070 — Santos, SP».

---

«Santos, 21/07/92. — Sr. José Gonçalves — «Blumenau em Cadernos» — Al. Duque de Caxias, 64 — 89.015 - Blumenau - SC — Prezado Senhor.

Uma figura diluída no passado tomou forma, ganhou nome e sobrenome, foi apresentada de corpo inteiro, reviveu: Schwester Marta!

Num momento feliz o sr. decidiu que «Blumenau em Cadernos» divulgasse mais de trinta anos depois, uma homenagem sua a esta figura de destaque na história blumenauense.

Faço parte desse 1/5 da população que ela ajudou a nascer em 31 anos de trabalho abnegado. Vim ao mundo por suas mãos em junho de 1932. Foi durante os primeiros 5 anos, quando ela trabalhava no Johannesstift.

Mas já então atendia as gestantes em suas casas, pois nasci na casa dos meus avós maternos, família Hahne, que ficava na curva do rio, antes de Belchior.

Depreendo de seu artigo e de minhas memórias, que ela foi importante pelo trabalho bem feito, não por algum poder econômico ou político, que não os tinha e certamente não os desejava. Schwester Marta entranhou-se no tecido social de nossa cidade e com ele forma um todo inseparável.

Nas memórias da infância, ela surge no seu uniforme cinza-mescla de algodão engomado, ampla saia comprida, usando uma touca impossível! Era do mesmo pano do vestido, mas ostentava um babado branco. Em volta do rosto, todo frisado a ferro e que lembrava as golas da rainha Elizabeth I. Este detalhe da touca me intrigava, eu queria



ver melhor, mas sua figura e seu trabalho impunham grande respeito.

Parentes e vizinhas, todas as mulheres do meu mundo infanto-juvenil, pelo menos uma vez mencionaram a Schwester Marta. Na minha casa era venerada. Eu já tinha 12 anos quando a vi em ação: nasceu meu segundo irmão. No dia do parto as crianças foram afastadas, mas antes e, principalmente depois, ela vinha ver a parturiente e o bebê, trazendo segurança e afeto. Naquele tempo, criança não aparecia, era confinada e recolhida-se à sua insignificância. Se Schwester Marta nem sequer nos olhasse, não estranharíamos. Mas não ela, ser superior! — fazia um afago em nossas cabeças e, com olhar terno, fazia-nos algumas breves perguntas — seu tempo era sempre curto.

Comentavam as senhoras que ela agia com firmeza e, com poucas palavras brandas, conseguia dos maridos assustados uma eficiente colaboração. Sua segurança era captada no ambiente e deixava a parturiente calma. Aliás, a parturiente (e depois o bebê) era a figura mais protegida por Schwester Marta. Em defesa dela a parteira podia dirigir palavras duras a quem ousasse se atrever ou fazer corpo-mole. Minha mãe, que está com 84 anos bem vividos e excelente memória, conta muitos pequenos fatos que incluem Schwester Marta. Sua figura pedalando a bicicleta, a saia erguida o suficiente e mostrando os sapatos e meias pretas, os cabelos já grisalhos sob os babados impossíveis da touca, ela vem à memória e se faz presente; agora, que tem sobrenome e um Curriculum Vitae, mais concretamente — graças ao Sr. e a «Blumenau em Cadernos». Cordialmente — ANNA MARIA KOPROWSKI GARCIA».

---

## PERFIL DE UM VULTO INOLVIDÁVEL

### PADRE JOSÉ MARIA JACOBS

A Comunidade Católica Blumenauense, e o Vale do Itajaí, reverenciou neste 31 de julho de 1992, o centenário de morte do primeiro pároco da Igreja Matriz São Paulo Apóstolo, **Padre José Maria Jacobs**.

Nascido em Düren (Alemanha), em 16 de maio de 1832, ingressou na vida eclesiástica aos 17 anos, através da Congregação dos Padres Redentoristas. Recebeu as Ordens Sacerdotais na Catedral de Baltimore, nos Estados Unidos, onde realizou os seus cursos de Filosofia e Teologia. Tornou-se pre-

gador, missionário, confessor e professor de Magistério Superior.

Sua eloquência discursiva e seu forte temperamento, deixaram fama de homem austero e ríspido.

Seu nome está vinculado, nos anais da nossa História Regional, como o edificador espiritual da população católica do Vale do Itajaí.

A sua árdua trajetória de 16 anos nos serviços paroquiais de Blumenau registram epílogos do Pastor das Almas, do Educador,



do político e contestador que foi o Padre José Maria Jacobs.

Para avaliar esta presença, é necessário fazer um breve retrospecto da vida religiosa em Blumenau. Fundada em 1850, por imigrantes evangélicos, a incipiente colônia recebeu os primeiros católicos a partir de 1854. A inexistência de um assistente espiritual os levou a cumprir os seus deveres religiosos na Capela de Beichior (Gaspar). Naquela Capela, os sacramentos eram ministrados uma a duas vezes por ano, por Padres, que vinham de outras freguesias para atender os fiéis. Na Colônia Blumenau, enquanto os evangélicos dispunham de um Pastor permanente para ministrar as práticas religiosas, o atendimento espiritual dos católicos ocorria esporadicamente durante o ano. Com a elevação de Gaspar a categoria de Freguesia (1861), os católicos de Blumenau passaram a ser subordinados à esta Jurisdição, e eram atendidos pelo Padre Gattone.

O Dr. Blumenau atendendo ao apelo da comunidade religiosa local, contratou o Padre Romer, que foi o primeiro sacerdote a residir na Colônia. Este sacerdote exerceu as suas funções durante três anos. Com a sua saída sucederam-no outros padres que vinham à colônia em visitas anuais.

O aumento do número de católicos na Região do Vale, ocorreu a partir de 1875, quando houve a entrada de inúmeras levas de imigrantes italianos, tirolezes e poloneses. A assistência contínua destes católicos exigia a presença de um pároco.

A solução veio com a chegada no ano de 1876 do Padre Secular — José Maria Jacobs. Chegou com ordens de «Sua Santidade» o

Papa Pio IX, para administrar os abandonados católicos de Blumenau.

Ao assumir a administração religiosa de Blumenau, organizou a vida paroquial e desenvolveu intensa atividade sacerdotal tanto na sede, como no interior, onde o número de católicos aumentava consideravelmente. Sua oficialização como pároco deu-se com a criação da Paróquia São Paulo Apóstolo, em 1878. Ativo guardião de almas empreendia horas de viagens a cavalo nas mais distantes capelas. Eram 13 as capelas que o padre visitava regularmente 4 vezes ao ano, demorando-se de 3 a 4 dias, instruindo a juventude, realizando casamentos, batizados, assistindo doentes e observando a construção das capelas.

O Padre Jacobs exercia poderosa influência no meio católico de sua paróquia. Suas prédicas religiosas, dependendo das áreas coloniais, eram feitas em português, italiano e alemão. De ano para ano o trabalho na Matriz e nas Capelas aumentava e ele atendia a todos praticamente só.

Sua formação educadora fazia com que se preocupasse com o futuro dos jovens, pois sabia do «perigo» que representava à formação religiosa e educacional dos filhos dos colonos dispersos nas mais diversas linhas coloniais, a ausência de escolas católicas para doutriná-los e ensinar-lhes as primeiras letras. A solução veio com a criação da Escola São Paulo (1877), embrião do futuro Colégio Franciscano Santo Antônio.

As dificuldades e o esforço para manter a escola São Paulo são retratados nas cartas do Padre Jacobs, onde em certo momento, narra ao Presidente da Província:



«... Se não vier mais auxílio de fora, com profunda desolação, vejo-me na necessidade de fechar meu Pensionato Central. Mas a extinção deste produziria regresso e desgraça, pois só a reunião da juventude num Pensionato Central, produziria efeitos salutares e remediará a triste situação em que se acham. É nas crianças e jovens que devemos encontrar todos os nossos esforços...»

Dotado de grande cultura literária, falava várias línguas e escrevia com facilidade e elegância de estilo. É de sua autoria, o acróstico oferecido ao Dr. Blumenau quando este, em 1884, deixou em definitivo a cidade que havia fundado. Neste acróstico se revela um poeta e apesar de estar sempre com ares de austeridade, soube manifestar os sentimentos dos blumenauenses naquele momento de despedida.

A veia poética do Padre Jacobs era ofuscada pelo seu caráter altivo. Ríspido no falar, e autoritário: «Jamais se curvou a imposições de quem quer que fosse». O seu envolvimento na política local lhe trouxe muitos aborrecimentos e dolorosos ressentimentos. Ardoroso defensor da Monarquia, ficou inconformado com o exílio do Imperador, a quem devia fiel obediência. As mudanças adotadas pelo novo regime republicano, separavam o Estado da Igreja e priorizavam a celebração do casamento civil, e o partido republicano do Município passou a exigir que as leis fossem cumpridas à risca. Para combater os políticos republicanos do município, filiou-se a partidos opositores e juntamente com os conservadores, desencadeou uma intensa campanha de oposição aos republicanos.

Os opositores visavam levar ao

Congresso, deputados que defendessem os interesses da Igreja. A força dos seus protestos em eloqüente oratórias, nem sempre eram compatíveis com a sua função religiosa. Este seu comportamento excitou a cólera dos políticos republicanos locais que o viam como um poderoso rival.

Para submetê-lo fizeram uso de intrigas, perseguições e animosidades pondo-o numa roda de suplicios que o levaram a responder por processos judiciais e mandado de prisão. O Padre José Maria Jacobs fora forte demais para não vergar. Paralelo ao seu envolvimento político, o contestador não suportou o peso do desgosto e a saúde não lhe ajudava.

A fronte altiva já não iluminava com o vigor de outrora. Os últimos meses de Pároco lhe foram muito sofridos. Sem forças para continuar no posto, entregou a administração da Paróquia aos Padres Franciscanos. Após a oficialização do ato, partiu com destino à sua Pátria. No entanto, este sonho não se realizou, pois veio a falecer no Rio de Janeiro a 1º. de agosto de 1892, portanto há cem anos atrás.

O **Padre José Maria Jacobs** foi o semeador e organizador do catolicismo na Região do Vale do Itajaí. A ele a comunidade católica deve a sua eterna gratidão.

#### **Bibliografia:**

BLUMENAU EM CADERNOS.

Tomo VI - 1963. P. 48

BLUMENAU EM CADERNOS.

Tomo IV - 1961 P. 169

BLUMENAU EM CADERNOS.

Tomo I - 1957.P. 157

SILVA, José Ferreira da. **O Padre Jacobs**. Blumenau, Carl Wahle, 1928.

**Sueli Maria Vanzuita Petry**  
Historiadora/Arquivista



# REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

Atilio Zonta

Instalação de energia elétrica.  
Primeiro Prefeito do Município de Indaial.  
Padre João Baptista e Pe. Aleixo Costa.  
Surgem as pequenas indústrias em Ascurra.

Tivemos a oportunidade de enfatizar em tópicos anteriores, que na sede do distrito de Ascurra, em 1931, houve uma inovação surpreendente, máxime, quando ficou concluída a rede de distribuição de eletricidade para iluminação pública e energia, possibilitando a partir desse momento, a instalação de iluminação, na única e principal rua da povoação, a Benjamin Constant. A eletricidade foi repassada também aos moradores que ladeiam a referida via. As pequenas indústrias, ou seja, as duas marcenarias existentes na época dos irmãos Andréa e Eugênio Zonta, e de José Bona e seu filho Carlo, esta última em sociedade com Francisco Tomio, bem como, as ferrarias de Aléssio Zonta instalada próximo à igreja matriz, e a de Paulo Zonta, no caminho que dá acesso ao Vale do Ribeirão São Paulo, em que os foles dos fogareiros eram impelidos manualmente, passaram desde então, a serem acionados à força motriz, produzida pela Usina do Salto, em Blumenau, propriedade da Empresa Força e Luz Santa Catarina S.A., eliminando de vez, os esforços intensos e cansativos dos proprietários e seus aprendizes dessas pequenas indústrias, em que antes era tudo feito no processo artesanal. As famílias residentes nas casas e ranchos localizados ao longo da linha de distribuição, aposentaram, sem tardar, os velhos

lampiões a querosene, quase centenários. Os dois negociantes da freguesia, Ernesto Dalfovo, um dos primeiros, e Paulo Zonta que se estabeleceu anos após, com pequeno armazém de secos e molhados — juntamente com seus fregueses — puderam apreciar com surpresa e alegria as lâmpadas incandescentes, iluminando à noite, as mercadorias expostas em prateleiras, propiciando na ocasião uma curiosidade pelo seu ineditismo, no então pequeno povoado de Ascurra. A igreja matriz, o Colégio «São Paulo» e a Intendência Distrital, com suas dependências iluminadas, causaram euforia à comunidade.

Os dois primeiros rádios a válvulas instalados nas duas casas comerciais em destaque puderam sintonizar, pela primeira vez, a «estação» da PRC-4, Rádio Cultura de Blumenau; precária e esporadicamente, a Rádio el Mondo de Buenos Aires e a Villa Rica del Paraguai. Os colonos concentravam-se nesses dois locais aos sábados e domingos após à missa, para ouvir as notícias e canções em vernáculo na primeira, e em idioma espanhol, nas outras duas. Isso ocorria impreterivelmente nesses dias.

Atilio Beber, imigrante italiano, um inventor sábio, bem antes da distribuição de energia elétrica em Ascurra, já produzia o fubá em atafona, e desdobrava as toras em tábuas e pranchas no engenho de



serrar, maquinários esses construídos com o próprio trabalho, movidos à roda d'água e destinada essa peça circular de grande porte, a imprimir rotação aos moinhos e engenho através de aqueduto construído em madeira, o qual, conduzia as águas da eclusa para os maquinários, escorrendo essa água por gravidade. Na sede da povoação foi o artífice da própria máquina de descascar arroz com brunidores, movida a locomóvel a vapor, importado da Alemanha. Posteriormente, anexou esses, moinho e engenho, no barracão do descascador no centro da rua principal da povoação. O arroz em casca antes de ser levado por meio de condutores para os brunidores, era exposto ao sol a granel afim de extrair-lhe a humidade, em barracões cobertos com folhas de zinco, cuja armação da cobertura era móvel, interrompendo a secagem, nos dias de chuva e a noite. Além de atender à demanda da região com esses produtos industrializados que até então o arroz era descascado a pilão ou a manjola e as toras falquejadas a machado, grande quantidade dessas mercadorias, transportavam-nas semanalmente em carroças puxadas a cavalos para Blumenau, onde os próprios carroceiros faziam a comercialização. A numerosa família Beber gozou de grande consideração pelo seu trabalho e dedicação em benefício da coletividade.

O Padre João Baptista Rolando acompanhava com muito interesse essas iniciativas dos devotos paroquianos, seus compatriotas e destes, os descendentes. Rolando exercia junto a essa turba de gente laboriosa, um trabalho notável pela abnegação e admirável espírito apostolar, em que esteve à frente dos destinos espirituais da

paróquia e da direção do seminário salesiano, nesse último período de 1931 a 1934, servindo-lhe Padre Aleixo Costa de coadjutor, após a metade da década de trinta. Padre João Baptista Rolando era considerado pela comunidade, um grande farmacêutico. Na Itália estudou medicina e farmácia, deixando os cursos universitários em destaque, definitivamente, afim de abraçar a vida religiosa, quando após três anos, fora ordenado sacerdote salesiano, integrando-se posteriormente, em obediência a seus superiores, às missões da América, especificamente, as de Ascurra, tornado-o pela ação que desenvolveu no Vale do Itajaí, credor da gratidão geral. Com seus remédios adrede preparados e depois distribuídos graciosamente às famílias, conseguiu curar doentes que padeciam de icterícia e outras moléstias. Foi um grande e sincero amigo de todos, deixando Ascurra e seguindo para São Paulo, pelos imperativos da ordem. Sua imagem ficou guardada na memória de todos os paroquianos, dos ex-alunos salesianos e das famílias circunvizinhas.

Em 21 de março de 1934, de acordo com a Ata lavrada na mesma data, foi instalado o município de Indaial. Presentes estavam na solenidade, o Dr. Ivens Araujo, representante do Exmo. Sr. Interventor Federal do Estado de Santa Catarina, Coronel Aristiliano Ramos, e outras autoridades federais e estaduais do novo município. Neste mesmo ato, foi nomeado no cargo de Prefeito Provisório, Erich Klein, perante também, o Capitão Antônio Martins dos Santos, o quarto Prefeito Provisório do município de Blumenau, Dr. Oscar Barcellos, Diretor da Estrada de Ferro Santa Catarina e grande número de mu-



nícipes. Após à posse de Klein um de seus primeiros atos, foi nomear para exercer as funções de Intendente Distrital de Ascurra, Florindo Isolani, que já vinha administrando essa repartição pública, filho do primeiro professor, Conselheiro Municipal e Intendente, Luiz Isolani. Uma série de solenidades imponentes assinalara a festiva data de posse aos cargos, do Prefeito Stein e Intendente. O prefeito indaialense, distante de ser um político hábil, foi sobretudo, um homem honesto e de convicções firmes, de uma cultura relevante e administrador incontestado dos bens públicos. Não obstante ter o município recém-criado baixo nível de mecanização para acelerar a construção de obras rodoviárias de emergência nas regiões mais afastadas da sede, conseguiu, o Prefeito Klein, resolver juntamente com seus colaboradores, os problemas que mais atingiam os caminhos que conduziã a população e os veículos ao interior, durante o ano e pouco de sua gestão. Já, Isolani, funcionário de sua confiança, pessoa simples, com preparo intelectual relativamente elevado, de espírito forte, corajoso e empreendedor, há muito vinha conquistando a simpatia e confiança dos conterrâneos. Administrava a Intendência com probidade e exigia um atendimento e recursos imediatos do governo municipal afim de que pudesse executar serviços de melhoramentos, ao longo dos caminhos que não ofereciam nenhuma condição

ao tráfego de carroças, embora ao Intendente designado, a sua atribuição era a de somente arrecadar impostos e levar o produto da arrecadação à sede da administração municipal. Ele, realmente, prestou assinalados serviços à comunidade, integrada por descendentes de italianos, honrando com sua norma de proceder, as tradições gloriosas de seus ancestrais. Foi um homem, pelo qual, os ascurrenses sentiam precisamente grande estima. Além de exercer função municipal, Isolani, explorava com o auxílio da própria família o ramo de armarinhos, ferragens, bebidas e queijaria. O transporte do leite era executado em latões e por carroças, dos colonos ao laticínio. Todos os derivados do leite eram comercializados em Blumenau.

Jocó Dolfovo, também, um dos primeiros comerciantes de Ascurra, estabelecido perto da estação da Estrada de Ferro, supria de gêneros alimentícios os trabalhadores empregados na construção da ferrovia, até o término dessa grande obra, e por muitos lustros, depois. Mais tarde, comprou de uma firma proprietária de descascador de arroz, todo o maquinário, instalado perto de seu comércio. O primeiro automóvel Mercedes Benz que transitou pelos caminhos de Ascurra e que despertou a curiosidade do povoado, pertencia ao Dalfovo que o dirigia com imponência, acompanhado de sua esposa Da. Josefina, mulher simples e bondosa.

---

Nos próximos números da Revista «Blumenau em Cadernos» apresentaremos:

- Segundo Prefeito nomeado do município de Indaial;
- Padre Luiz Venzon, novo diretor do Colégio «S. Paulo»;
- Chegada das Irmãs Catequistas Franciscanas e,
- Outras pessoas que merecem ser lembradas nesta história.



## 4a. ADENDA À FAMÍLIA ARZÃO

Antônio Roberto Nascimento

Continuando a compilar subsídios sobre a família Arzão, tão importante que foi para o povoamento da região da Foz do Rio Itajaí (v. Blumenau em Cadernos, Tomo XXXIII, abril de 1992, nº. 4, p. 126 e anteriores) assinalemos que LUCAS A. BOITEUX (Santa Catarina no Século XVI. Anais do 1º. Congresso de História Catarinense, Florianópolis, 1950, p. 29) acreditava que o topônimo "Cabo João Dias", na barra norte de S. Francisco do Sul, não estaria ligado ao expedicionário João Dias de Solis, como querem alguns, senão a "JOÃO DIAS DE ARZÃO, um dos antigos povoadores de S. Francisco no século XVII" (sic). Não só cria nisso como dizia ter "bom fundamento". Ocorre, porém, que, segundo nossas pesquisas, naquele lugar, o Morro do João Dias, ao fim da Praia de Ubatuba e onde, depois, construiu-se o forte, morou sempre e teve terras a família DIAS BELLO, cujo genearca seria Christóvão Dias Bello, um hispânico natural das Grã-Canárias (v. Blumenau em Cadernos, Tomo I, p. 47, e COSTA PEREIRA, Traços da Vida da Poetisa Júlia da Costa, p. 45). Assim, não seria um JOÃO DIAS, mas da família "Bello" o epônimo de tal lugar?

Acerca da questão filogenética, JOSÉ GONÇALVES SALVADOR (Os Cristãos-Novos: Povoamento e Conquista do Solo Brasileiro, 1530-1680, S. Paulo, Pioneira, 1976, pp. 90, 95, 142, 214, 252) é de opinião que, se não fosse judeu, o "holandês" (sic) Cornélio de Arzão, o antepassado de João Dias de Arzão de Itajaí (não "ancestral", inútil estrangeirismo para nossa língua), seria protestante. BELMONTE (No Tempo dos Bandeirantes, 3ª. ed. S. Paulo, Melhoramentos, s. d., p. 223), porém, sobre transcrever parte da sentença absolutória de Cornélio de Arzão pela Santa Inquisição, acha que sua prisão não passou de um "erro judiciário" (aspas do autor). Em tal documento, curiosamente ele é chamado de CORNÉLIO ARZINGS e "flamengo". Seria, pois, "tão bom católico que trabalha na conclusão da igreja matriz, alguns anos antes" (ob. cit., p. 221). ALCÂNTARA MACHADO (Vida e Morte do Bandeirante, S. Paulo, 1929, p. 200) declara não saber o motivo por que Cornélio de Arzão se indispôs com os jesuítas e, dentre seus bens, "um óculo de Flandres de olhar ao longe, que se não avaliou por se não saber o que vale" (sic).

AFFONSO D'E. TAUNAY (História das Bandeiras Paulistas, Tomo I, S. Paulo, Melhoramentos, 1ª. ed., s. d., p. 201) diz que, em 1679, partiu de S. Francisco do Sul uma bandeira sob o comando de João Rodrigues de Arzão, que "parece ter chegado às margens do Prata através de enorme território despovoado.". Em 1711 (ob. cit., p. 202), o Sargento-Mor (posto hoje equivalente a Major) Manoel Gonçalves de Aguiar encontrava, em Garopaba, Miguel Dias de Arzão a minerar paupérrimas faisqueiras. AFFONSO d'ESCRAGNOLLE TAUNAY (S. Paulo no Século XVI, História da Vila Piratiningana,



1921, E. Arrault & Cie., Tours, pp. 208-209), ainda, registra que Cornélio de Arzão, "minerador flamengo", trazido ao Brasil por D. Francisco de Sousa, com salário anual de quinhentos cruzados, "reuniu grandes cabedais, perdidos numa demanda com os jesuítas, pelos anos de 1620". Era companheiro de Geraldo Betimk, ou Betting, ambos "dos raríssimos não iberos troncos quinhentistas de famílias paulistas". Sua profissão, aliás, era de "mestre fundidor" e percebia 200 cruzados dos cofres reais (ob. cit., p. 248).

Cornélio D'Arzão e Manoel Rois D'Arzão foram agraciados com carta de real punho do Príncipe Regente D. Pedro em 1672 (Cf. PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME, Notícias das Minas de São Paulo e dos Sertões da mesma Capitania, 1980, p. 54).

WASHINGTON LUIZ (Na Capitania de São Vicente, 1980, p. 237) apresenta a grafia CORNELE DE ARZAM, colhida diretamente nas fontes primárias por ele consultadas. AFONSO DE E. TAUNAY (Relatos Sertanistas, 1981, pp. 213 e ss.) transcreve as "Notícias Práticas da Costa e Povoações do Mar do Sul", de autoria do Sargento-Mor da Praça de Santos, Manoel Gonçalves de Aguiar, datadas de 26.8.1721, onde há referência tão-só de um castelhano trazido a S. Francisco do Sul por um navio francês e lá casado, ou seja não há referência ao Miguel Dias de Arzão já citado. O fato de o próprio rei de Portugal haver escrito a Cornélio de Arzão (Cf. PAULO PRADO, Paulística, Hist. de S. Paulo, 1ª. ed., 1925, S. Paulo, Ed. Monteiro Lobato, p. 128), concitando-o ao descobrimento de novas riquezas, revela quão estimado fora pelas autoridades lusas, a despeito de sua origem flamenga.

---

## Registros de Tombo da Paróquia de Gaspar (VII)

Pe. Antônio Francisco Bohn

ANO DE 1950

Termo 1: Preparação do Ano Santo de 1950.

Termo 2: Festa de São Sebastião, em 20.01.

Termo 3: Celebração da Semana Santa de 1950.

Termo 4: Festa de Nossa Senhora da Gruta, em 03.05.

Termo 5: Revestimento das colunas e partes da parede com marmorite, escadarias presbitério e piso (sem data).

Termo 6: Festa de São Pedro e se-

iebração do seu 1º. centenário (em junho).

Termo 7: Festa do Senhor Bom Jesus (em agosto).

Termo 8: Compra de um serviço de alto-falantes para a matriz (sem data).

Termo 9: Referência à campanha política e eleições de 1950.

Termo 10: Falecimento de Fr. Solano Schmitt, em 20.10.

Termo 11: Resultado das eleições municipais na escolha do Sr. Júlio Schramm, como novo prefeito municipal, em 20.10.



## ANO DE 1951

Termo 1: Missa de início do Ano Novo, em 01.01.

Termo 2: Chegada de Fr. Roque Saupp a Gaspar para colaborar nos trabalhos pastorais.

Termo 3: Jubileu de prata de vida sacerdotal de Fr. Antonio Zimmermann, celebrado em Gaspar, em 06.01. Chegada das Irmãs Franciscanas das Escolas Cristãs para trabalhos na paróquia.

Termo 4: Missões na paróquia de Gaspar, em março e abril.

Termo 5: Festa de N. S. da Gruta, em 03.05.

Termo 6: Doação de uma imagem do Sr. Bom Jesus para a matriz pelos operários da E.T.U.C., em 23.09.

Termo 7: Viagem do Pe. Vigário para a Europa, em 04.10. Arrazamento do morro do velho cemitério.

Termo 8: Fr. Roque Saupp é nomeado substituto do vigário (sem data).

Nota: Continuação dos registros do 2º. livro de Tombo.

## ANO DE 1952

Termo 1: Ata de posse do novo vigário Fr. Roque Saupp, em 09.03.

Termo 2: Visita de D. Inácio de Ribeirão Preto (sem data).

Termo 3: Viagem à Europa de Fr. Flaviano Moormann, em 04.10.51.

Termo 4: Construção da cerca em torno da casa paroquial (sem data).

Termo 5: Colocação de 2 sinos numa das torres da matriz (sem data).

Termo 6: Celebração das festas religiosas da Imaculada Conceição, Todos os Santos, Finados e Natal.

Termo 7: Reforma da Casa das Irmãs (sem data).

Termo 8: Troca de terrenos pertencentes à paróquia e ao Sr. Luiz Franzói. Ata da reunião do conselho de fábrica tratando desse assunto, em 16.12.51.

Termo 9: Venda da casa em abandono ao Sr. Arnaldo Deschamps (sem data).

Termo 10: Chegada de duas irmãs da Congregação das Irmãs Franciscanas Professoras das Escolas Cristãs, em 15.01.52.

Termo 11: Festa de São Sebastião, em 25.01.

Termo 12: Transferência de Fr. Flaviano Moormann para Angelina (sem data).

Termo 13: Nomeação de duas irmãs professoras do Grupo Escolar Honório Miranda, em 15.02.

Termo 14: Faculdades e provisões em favor de Fr. Roque Saupp, vigário e dos seus coadjutores (sem data).

Termo 15: Licença do Sr. Bispo para a rubrica de livros paroquiais (sem data).

Termo 16: Despacho ao requerimento do vigário pedindo licença para receber luteranos na Igreja Católica (sem data).

Termo 17: Provisões para as capelas de Gaspar Alto, Arraial e Gasparinho (sem data).

Termo 18: Dispensa matrimonial em favor de José da Costa e Olinda Reinert.

Termos 19-20: Dispensas matrimoniais em favor de Adolfo Krause e Maura dos Santos, Juvenal Machado e Sebastiana Cardoso (sem data).

Termo 21: Provisão de confessor ordinário das Irmãs em favor de Fr. Roque Saupp.

Termo 22: Chegada de Fr. Lambertito como coadjutor da paróquia, em fevereiro.

Termo 23: Coleta de arroz para o seminário preparatório de Rodeio, em março.

Termo 24: Colaboração de Fr. Pedro de Alcântara na Semana Santa de 1952.

Termo 25: Encomendada uma pia batismal em Curitiba (sem data).



Termo 26: Festa da Gruta, em 03.05.

Termo 27: Celebração do mês de maio com novenas e pregações.

Termo 28: Festa do Corpo de Deus com procissão, em junho.

Termo 29: Acabamento da gruta na frente da matriz, em junho.

Termo 30: Reforma da iluminação da matriz, em junho.

Termo 31: Construção das escadarias para o coro dos cantores, as torres e das prateleiras das sacristias, em junho.

Termo 32: Festa de São Pedro, em junho.

Termo 33: Entrega de dois bancos da matriz como amostra pelos Irmãos Hartmann, em junho. As novas portas da matriz foram feitas pela firma Gamba-Vailati, de Gaspar, conforme desenho de Simão Gramlich.

Termo 34: Início da construção dos muros de pedra para sustentar os

alicerces da matriz, em 15.07.

Termo 35: Visita do vigário para a bênção das casa, em junho.

Termo 36: Problemas com o sistema de alto-falantes da matriz (sem data).

Termo 37: Diversas partes da matriz recebem uma mão de tinta (em julho).

Termo 38: Festa do Sr. Bom Jesus, em agosto.

Termo 39: Inauguração e bênção da Via Sacra, em 08.12.

Termo 40: Compra de um microfone portátil para a matriz, em dezembro.

Termo 41: Concerto do telhado e em seguida destelhamento da matriz devido às duas fortes tempestades, em dezembro.

Termo 42: Confeção de dois novos confessionários para a matriz pela firma Gamba — Vailati, em dezembro.

---

## Aconteceu...

JULHO DE 1992

— DIA 1º. — A cidade continuou vivendo sob a ameaça de enchentes do rio Itajaí-açu, em face das constantes chuvas que ocorreram em todo o Vale do Itajaí.

— DIA 2 — A imprensa relata vários fatos ocorridos em consequência das cheias do rio Itajaí-açu que, nesta segunda avalanche em apenas trinta dias, atingiu a marca de 10 metros e 62 centímetros, desabrigando 601 pessoas e causando prejuízos a outras 8.500. Mais de 3.000 residências foram atingidas.

— DIA 3 — No pavilhão «A» da PROEB realizou-se a solenidade de lançamento da IX OKTOBERFEST, cujo ato contou com a presença de numerosos convidados e foi prestigiado pela presença do prefeito Victor Fernando Sasse e direção do cerimonial a cargo do Secretário de Turismo sr. Frank Graf. — A baixa das águas do Rio Itajaí-açu fez retornar a tranquilidade à população blumenauense e todos os atingidos procuraram restabelecer a ordem em seus lares. — Também o



tráfego de veículos foi liberado nas diversas ruas atingidas, inclusive a Avenida «Marechal Castelo Branco».

---

— DIA 4 — Teve início a série de atividades culturais relativas ao Festival de Inverno de Blumenau, com a solenidade de abertura e premiação do I Salão Estadual de Artes Plásticas Contemporânea de Blumenau, uma realização da Prefeitura Municipal, Fundação «Casa Dr. Blumenau», Galeria Municipal de Arte, no horário das 18:30. Às 20 horas aconteceu a abertura do III Festival de Música de Blumenau. O local destas solenidades foi o Teatro Carlos Gomes.

---

— DIA 4 — No Complexo Esportivo do SESI «Bernardo Wolfgang Werner», realizou-se, às 15:00 horas, belíssima solenidade de abertura dos XXI Jogos Estudantis Brasileiros - JEBs — cujas competições aconteceram naquele local. — O prefeito Victor Fernando Sasse e o Secretário de Obras do Estado Paulo Gouvêa, entregaram a ordem de serviço para o início da pavimentação do Anel Viário Norte de Blumenau, através da Rua 2 de Setembro, República Argentina «Antônio Treis» até a ligação com a Rodovia Jorge Lacerda. — Uma rebelião de presos ocorrida na nova cadeia pública de Blumenau, trouxe, durante várias horas, muita apreensão aos moradores das proximidades. A rebelião foi, finalmente, contida sem maiores incidentes.

---

— DIA 7 — Os soldados bombeiros, Gilmar e Soares, que transportavam a parturiente Rita de Cássia Knoth para a maternidade, tiveram que parar o veículo e realizar o parto dentro da viatura, em face da precipitação do rompimento da bolsa, tendo nascido uma saudável menina pesando três quilos. A mãe e a criança foram, posteriormente, conduzidas à maternidade do hospital para os atendimentos finais.

---

— DIA 11 — Tiveram início as obras de reestruturação da pavimentação do Anel Viário Norte, uma via de grande capacidade para o tráfego local. As obras são financiadas pelo Governo do Estado, em convênio com a Prefeitura de Blumenau.

---

— DIA 13 — Como parte do I Festival de Inverno de Blumenau, começou neste dia o I Blu Jazz Festival. A solenidade de abertura contou com a presença do prefeito Victor Fernando Sasse e do Secretário de Turismo Frank Graf. A abertura aconteceu com uma das melhores bandas do país, a «Traditional Jazz Band», que foi muito aplaudida.

---

— DIA 15 — Segundo informou a imprensa (JSC), a meningite, já havia causado até esta data, em Santa Catarina, 39 vítimas, de um total de 82 casos registrados.

---

— DIA 17 — O VI Festival Universitário de Teatro de Blumenau teve início nesta noite, com a apresentação da peça «Medeações», da



Universidade de Brasília. Este foi o último evento inserido dentro do I Festival de Inverno de Blumenau e que também alcançou pleno sucesso.

— DIA 19 — Em comemoração aos 100 anos da primeira escalada do morro Spitzkoff, a ACAPRENA promoveu uma concorrida escalada àquele morro, o que constituiu um verdadeiro festival pois teve a participação de centenas de pessoas. O evento serviu também para revelar àqueles que participaram da escalada, a beleza que se descortina daquelas alturas, do que ainda resta da natureza que ainda não foi sacrificada pelo homem.

— DIA 20 — No Centro de Convenções do Grande Hotel Blumenau, iniciou-se 7º. Congresso de Servidores de Câmaras Municipais, 1º. Ciclo Internacional de Estudos do Poder Local e o 1º. Encontro de Informática Legislativa. O Congresso contou com a presença de, aproximadamente, 750 participantes, que discutiram, entre outros, temas como o Presidencialismo e Parlamentarismo, assim como Informatização do Serviço Público Municipal.

— DIA 21 — A imprensa (JSC) divulga informações sobre correspondência recebida pelo prefeito Sasse, do sr. Roland Blumenau, sobrinho-bisneto do fundador de Blumenau, hoje residente em Dusseldorf, na Alemanha, através da qual o mesmo remeteu ao chefe do Executivo Blumenauense um cheque no valor de 1.000 marcos, para auxiliar as vítimas das enchentes em nossa cidade. O gesto de Roland Blumenau, que já visitou esta cidade por duas vezes, foi recebido com muita simpatia pela população blumenauense. — O prefeito Sasse também recebeu da Consulesa Geral da República Federal da Alemanha, sra. Dorothee Boden, comunicação sobre a doação de dez mil marcos, para serem aplicados na aquisição de material de construção para amenizar a situação das famílias atingidas pelas últimas enchentes em Blumenau.

— DIA 24 — Foram abertas inscrições para o concurso «Seu Jardim Está a Prêmio», promovido pela Secretaria de Cultura e Turismo, com o apoio da ACIB e Associações de Bairros de Blumenau.

— DIA 25 — O Centro Cultural 25 de Julho prestou, como faz todos os anos neste dia, tocante homenagem aos Imigrantes, realizando solenidade cívica junto ao Monumento aos Imigrantes na Praça Hercílio Luz.

—DIA 26 — Cerca de mil atletas participaram da largada, em Itajaí, para a Maratona considerada como a maior do Brasil, ligando a cidade portuária a Blumenau, num percurso de 42.195 metros. A prova também serviu como tomada de índices para o Campeonato Mundial de Maratonas para 1993. — Na cidade de Joinville, a representação blumenauense junto ao X Festival de Danças realizado naquela cidade, conquistou o 1º. lugar na Classe de Danças Populares, na Categoria Júnior I.



— DIA 30 — Tendo como sede o salão de conferências do Grande Hotel Blumenau, foi realizada a solenidade de abertura do V Congresso Catarinense das APAEs, com a participação de 810 inscitos. O evento contou com a presença de várias personalidades técnicas como palestrantes.

— DIA 31 — Na Igreja Matriz de S. P. Apóstolo, foi realizada a Missa em comemoração ao centenário de falecimento de seu primeiro pároco, Pe. José Maria Jacobs, que contou com numeroso público.

## Falecimento

### INGO HERING

Com a idade de 85 anos, faleceu na madrugada de domingo, dia 23 de agosto corrente, o industrial Ingo Hering, conhecido homem público que assinalados serviços prestou a Blumenau em quase todas as áreas de atividades, mas especialmente no setor político, econômico e cultural.

O Sr. Ingo Hering foi sempre um dos mais destacados colaboradores da Fundação «Casa Dr. Blumenau», inclusive integrando seu Conselho Curador durante vários anos, tendo dado, assim, sua contribuição pessoal e através de sua empresa, por ocasião da construção do novo prédio ocupado hoje pela Biblioteca e pelo Arquivo Histórico. Raramente o Sr. Ingo Hering deixou de comparecer às reuniões do Conselho Curador e só o fazia por motivos de viagem ou de seu estado de saúde.

Na maioria das promoções culturais acontecidas em Blumenau nas várias décadas passadas, a figura de Ingo Hering sempre esteve presente, prestigiando todas estas iniciativas e contribuindo muito com seu entusiasmo e economicamente, para a manutenção das atividades sempre crescentes do Teatro Carlos Gomes, a cuja sociedade sempre esteve ligado.

O sepultamento do saudoso amigo e colaborador desta Fundação e desta revista, aconteceu na tarde de segunda-feira, às 16 horas, no cemitério evangélico do centro, após um período de concorridíssimo velório, quando desfilaram, à frente de seu corpo, centenas de pessoas de todas as classes sociais blumenauenses, nas quais contavam-se em sua totalidade, amigos e admiradores.

Ao fazermos este registro, ao encerramento desta edição, desejamos renovar aos familiares do Sr. Ingo Hering as nossas sentidas condolências pela perda daquele que deixou sua marca indelével nos anais da história sócio-econômica de Blumenau, mas, acima de tudo, pelo muito que fez pela cultura blumenauense.



# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.  
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.  
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

89015 B L U M E N A U

Santa Catarina

## INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

### SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

### A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"  
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"  
Museu da Família Colonial  
Horto Florestal "Edith Gaertner"  
Edita a revista "Blumenau em Cadernos"  
Tipografia e Encadernação

CONSELHO DELIBERATIVO: Presidente — Aiga Barreto Mueller Hering

Vice-Presidente — Friederich Ideker

CONSELHEIROS — Dinorah Krieger Gonçalves — Noemi Kellermann —  
Frederico Kilian — Lindolf Bell — Manfredo Bubeck  
— Hans Prayon — Lorival Harri Hübner Saad — Frank  
Graf — Hans Martin Meyer

### DIRETORIA

Presidente — Frank Graf

Diretor Administrativo-Financeiro — José Gonçalves

Diretor de Cultura — Ana Luiza Holzer B. Schulz



# HERING

## T Ê X T I L

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade. Para todo mundo.  
Em todos os tempos.